

A 1ª Guerra Mundial, seus estereótipos, seus mitos

*Marcelo Oliveira Lopes Serrano**

Introdução

Há cem anos iniciava-se a Primeira Guerra Mundial (1ª GM). Foi um evento épico, impressionante pelo seu ineditismo — sua dimensão sem precedentes, a mobilização total dos recursos humanos das nações beligerantes, a máxima expansão do poder industrial como ferramenta de guerra, a postura ofensiva de ambos os contendores e as duas viradas espetaculares de expectativas entre o virtual derrotado e o suposto vitorioso no segundo mês da guerra e nos quatro últimos.

É importante lembrar e estudar a Grande Guerra,¹ em todas as suas vertentes: político-diplomática, militar, social e econômica. É grande o seu potencial de revelar conhecimentos e lições úteis, que não convém serem deixadas no esquecimento, principalmente pelos militares.

Este artigo, no entanto, não tem como escopo aprofundar o estudo sobre a guerra, conforme sugerido acima, mas simplesmente discorrer sobre os seus principais aspectos, a fim de proporcionar conhecimentos básicos sobre a guerra, particularmente para os oficiais do Exército Brasileiro.

O artigo aborda dois aspectos. No primeiro, é narrado o desenrolar da guerra — suas causas, os planejamentos militares iniciais e suas sucessivas fases: guerra de movimento, guerra de trincheiras e o retorno final à manobra e à guerra de movimento. Esta narração está focada principalmente na frente ocidental da guerra, com ênfase nas operações conduzidas pela França, que suportou o peso maior da guerra. No segundo aspecto, são apresentados argumentos que se contrapõem a alguns estereótipos e mitos comumente assumidos sobre a guerra.

Causas da guerra

A reunificação da Alemanha, em 1871, deu início ao encadeamento de eventos que, por fim, eclodiu na hecatombe da 1ª GM.

Unificada, a Alemanha transformou-se na maior potência da Europa, o que acabou por provocar a falência do sistema europeu de equilíbrio de poder. Estabelecido após as guerras napoleônicas, esse sistema permitia às potências europeias gerir conjuntamente as crises, evitando-se que sua escalada descontrolada acirrasse guerras entre as potências.

O novo poder alemão, apesar de incômodo aos olhos das demais potências euro-

* Coronel de Cavalaria R1. Tradutor da Biblioteca do Exército.

peias, não foi, no entanto, fator determinante para o desequilíbrio do sistema e para o desencadeamento da guerra (KISSINGER, 1999, p. 180).

Até então, nenhum país tinha sido forte o suficiente para dominar sozinho o continente. Esse fato permitia o realinhamento diplomático deles diante das crises, a fim de dar-lhes solução sem desestabilizar estruturalmente o sistema. À Inglaterra, particularmente, coube papel relevante na preservação do equilíbrio. Garantida por sua condição insular, sua política de “isolamento esplêndido” evitava alianças formais com qualquer outro país, o que possibilitava à Inglaterra dispor da liberdade de ação para inclinar-se para qualquer partido a fim de, com seu peso político, econômico e militar, reequilibrar o sistema. Mas a Alemanha unificada adquiriu a capacidade de domínio sobre a Europa (KISSINGER, 1999, p. 156).

Otto Von Bismarck, artífice do Império Alemão, reconheceu o fator desestabilizador da Alemanha. Tendo atingido seu objetivo com a criação do Império, Bismarck adotou, durante todo o tempo em que permaneceu como chanceler, uma política moderada em consonância com o equilíbrio de poder. Ele não ambicionava novas aquisições territoriais e, com exceção da França, irreconciliável em virtude da perda das províncias da Alsácia e da Lorena, não havia interesses conflitantes da Alemanha com nenhum outro país.

O século XIX foi marcado por crescente hostilidade entre a Inglaterra e a Rússia e entre esta e a Áustria-Hungria, dada a ambição destas duas últimas pelos despojos balcânicos do Império Otomano decadente.

A Inglaterra opunha-se obstinadamente à pretensão russa de expandir-se até os estreitos de Bósforo e Dardanelos, na suposição de que a Rússia controlaria o Mediterrâneo oriental e ameaçaria o domínio britânico no Egito. Interesses ingleses e russos chocavam-se também na Ásia Central. A crescente expansão russa nessa região era vista, aos olhos britânicos, como ameaça potencial à Índia².

Bismarck, a fim de garantir a segurança da Alemanha e lidando com todas essas hostilidades mútuas, empreendeu grande esforço diplomático para tecer uma rede de alianças e de acordos a fim de isolar a França e acomodar os interesses conflitantes de Rússia e Áustria, vinculando-as à Alemanha.

Enquanto permaneceu no poder, Bismarck obteve sucesso nesse equilibrismo diplomático. Ele estabeleceu, em 1879, uma aliança com a Áustria, comprometendo-se a defendê-la contra o expansionismo russo. Mas assegurou seu poder de veto sobre a política austríaca nos Bálcãs a fim de tranquilizar a Rússia. Convenceu também a Rússia a assinar um tratado de neutralidade mútua³. Esta aceitou inserir-se no esquema de Bismarck, já que via na Inglaterra o perigo maior. Em 1882, Bismarck persuadiu a Itália a unir-se a sua aliança com a Áustria.

Todo esse esforço de engenharia diplomática foi abandonado quando Guilherme II ascendeu ao trono alemão em 1888. Guilherme II demitiu Bismarck em 1890 e adotou a chamada *Weltpolitik* (política mundial) sem, no entanto, defini-la propriamente e sem relacioná-la com o interesse nacional alemão.⁴ A *Weltpolitik*, sem rumo e insensata, enterrou na prática o equilíbrio de poder, substituindo-o pela corrida armamentista,

gerada pelo medo do ameaçador e crescente poder militar alemão.

Guilherme II desejava garantir a segurança e a hegemonia alemãs, mas fazia-o aumentando o próprio poder e mostrando-o a toda a Europa, na suposição de que as demais potências europeias buscariam alinhar-se com a Alemanha por julgarem inconveniente, ou temerem, ficar contra ela. Os sucessores de Bismarck predispunham-se à força pura e simples.

Tentando a segurança absoluta do país, os líderes alemães ameaçaram todas as nações europeias com insegurança absoluta, causando coalizões automáticas de compensação. (KISSINGER, 1999, p. 183)

Também em 1890, Guilherme II recusou a proposta russa de renovar o Tratado de Resseguro — decisão que se revelou fatal, pois puxou o primeiro fio que viria, por fim, desfazer todo o tecido diplomático de Bismarck. Como resultado, a Áustria-Hungria, contando com a proteção alemã, aguçou seus interesses balcânicos, o que fatalmente inquietou a Rússia, que viu na França a única possibilidade de aliança a fim não ficar isolada.⁵

Para a França, estava claro que a Alemanha não abriria mão das províncias perdidas sem guerra. A Rússia, por sua vez, sabia que para garantir seus interesses balcânicos, precisava vencer a Áustria, o que a Alemanha não permitiria. E a Rússia, sozinha, não era páreo para o poder alemão. Um ano após a recusa alemã de renovar o Tratado de Resseguro, França e Rússia formalizaram uma aliança, por meio da qual se comprometeram a apoiar-se mutuamente caso atacadas pela Alemanha.

A Alemanha, por sua vez, buscou intensamente aliar-se com a Inglaterra, para afastá-la da França e da Rússia. Mas a diplomacia alemã, arrebatada e arrogante, insensível à tradicional política externa britânica, não aceitava menos do que uma aliança formal, que criasse compromisso mandatário entre os signatários. Mas uma aliança militar ilimitada era inaceitável para a Inglaterra. Esta só concordava com acordos militares limitados e contra perigos claramente definidos ou então com combinações diplomáticas do tipo *entente*, para colaborar em assuntos de interesse paralelo com outros países.⁶

As chances de aliar-se com a Inglaterra tornaram-se crescentemente mais difíceis a partir do Programa Naval alemão de 1900, que, aos poucos, transformou a Alemanha em real ameaça estratégica aos interesses ingleses.⁷

Em 1904, a França, considerada durante mais de cem anos pela Inglaterra como a maior ameaça ao equilíbrio europeu e com a qual quase foi à guerra em 1898, quando suas respectivas expansões coloniais se chocaram na África, chegou a um acordo de cooperação informal com a Inglaterra — o tipo de acordo recorrentemente recusado pela Alemanha. Embora a *Entente Cordiale* entre os dois países fosse um acordo sobre questões coloniais, ela criou laços morais de cooperação, que se expandiram para outras esferas e que acabaram por selar o alinhamento britânico junto à França e, posteriormente, à Rússia. Em uma década, a Alemanha viu a Rússia, antiga aliada, e a Inglaterra juntarem-se à França. “A Alemanha conseguiu o feito extraordinário de isolar-se e de

juntar três antigos inimigos em uma coalizão hostil voltada contra ela” (KISSINGER, 1999, p. 201 e 202).

Quando, em 28 de junho de 1914, o príncipe herdeiro do Império Austro-Húngaro foi assassinado em Sarajevo por um nacionalista sérvio, o palco já estava montado para o início do grande drama. Este, no entanto, ainda poderia ter sido evitado, ou suavizado, se imperativos militares não houvessem usurpado o primado da política na decisão de guerra.

Os planejamentos militares estratégicos comprimiram o tempo disponível para a tomada de decisões políticas. Os planos militares dependiam da rapidez de execução, realidade que se chocou com a natural lentidão das negociações diplomáticas, imprescindíveis diante de uma guerra iminente.

A tecnologia moderna fez com que a mobilização dos exércitos oponentes assumisse dinâmica própria, praticamente irrefreável.

O lado que demorasse a mobilizar perdia a vantagem das alianças e possibilitaria ao inimigo derrotar, um a um, cada adversário. [...] Quando alianças dessas se enfrentavam, a mobilização iniciada ficava irreversível, pois interrompê-la a meio caminho era pior do que não desencadeá-la. Se um lado parasse e outro prosseguisse, o primeiro ficava, a cada dia, em maior desvantagem. Ambos tentarem parar ao mesmo tempo seria tecnicamente tão difícil que quase certamente a mobilização estaria feita antes que os diplomatas acertassem a forma de interrompê-la. Esse procedimento de Juízo Final tirou o *casus belli* do controle político. (KISSINGER, 1999, p. 216)

Desde 1894, França e Rússia haviam acordado mobilizar ao mesmo tempo se qualquer país da coalizão adversária se mobilizasse por qualquer motivo. Do outro lado, o plano de guerra alemão, elaborado a partir de 1892 pelo chefe do Estado-Maior alemão, Alfred Von Schlieffen, previa atacar inicialmente a França, vencê-la rapidamente e voltar-se, posteriormente, contra a Rússia, de modo a obter vitória decisiva em ambas as frentes.

Em 28 de julho, a Áustria declarou guerra à Sérvia após ter-lhe expedido um ultimato dois dias antes. No mesmo dia, em defesa de sua aliada nos Bálcãs, o czar ordenou a mobilização parcial contra a Áustria e, dois dias depois, a mobilização geral contra Áustria e Alemanha. Em 1º de agosto, a Alemanha, por sua vez, declarou guerra à Rússia.⁸ Como resultado disso, Alemanha e França decretaram a mobilização geral nesse mesmo dia.

A Alemanha pôs-se na situação de ter de atacar primeiramente a França, a fim de fazer a guerra contra a Rússia. Após alegar violações de fronteira por parte da França, a Alemanha declarou-lhe guerra em três de agosto de 1914. No dia seguinte, a Inglaterra, ratificando sua lealdade à *entente*, declarou guerra à Alemanha. A Itália declarou sua neutralidade, já que não se via obrigada a apoiar suas aliadas em uma guerra ofensiva.⁹

Raymond Aron simplificou as coisas ao dizer que a Europa inteira lançou-se na guerra porque

a Áustria-Hungria queria acertar suas contas com a Sérvia, porque a Rússia não queria abandonar a Sérvia, porque a Alemanha não queria abandonar a Áustria-Hungria e, finalmente, porque a França não queria abandonar a Rússia”.¹⁰

Posteriormente, o Império Otomano e a Bulgária aderiram à guerra ao lado das potências centrais, ao passo que Romênia, Grécia, Portugal e Estados Unidos o fizeram ao lado dos aliados. Outros países declararam guerra aos Impérios centrais, mas tiveram participação irrelevante, o Brasil inclusive.

Os planos iniciais

1. Para Schlieffen, o sucesso alemão na guerra dependia de vencer rapidamente a França, enquanto a Rússia ainda estivesse se mobilizando. Tanto a França quanto a Alemanha necessitavam de duas semanas para completar suas mobilizações. As enormes distâncias e a precária rede ferroviária fariam com que a mobilização russa se arrastasse por seis semanas, conforme os cálculos alemães (TUCHMAN, 1998, p. 23).¹¹ Este era o prazo para derrotar a França.

Essa convicção levou-o a elaborar o famoso plano, conhecido pelo seu nome. A fortificada fronteira franco-alemã não favoreceria a vitória rápida. A solução encontrada por Schlieffen foi o envolvimento do flanco esquerdo do exército francês, por meio da violação da neutralidade da Bélgica. Schlieffen acreditava que a Bélgica protestaria, mas não lutaria (TUCHMAN, 1998, p.28), e que as amplas planícies e a rede de estradas favoreceriam o rápido avanço dos exércitos alemães diretamente ao “coração da França”. O amplo movimento de cerco, infletindo sobre a capital francesa, cairia na retaguarda do exército francês, que estaria, então, fortemente engajado na Alsácia e na Lorena em seu esforço para libertar essas províncias perdidas.

“Que o último homem à direita, esbarre no Canal com sua manga.” Com essa frase, Schlieffen destacava a necessidade de reforçar ao máximo a ala direita do seu exército a fim de ampliar ao máximo o movimento de cerco. Ele pleiteava um mínimo de forças para mobiliar a frente russa e rejeitava qualquer iniciativa no sentido de reforçar suas tropas na Alsácia e na Lorena. Para ele era essencial manter forças deliberadamente fracas nessa região, a fim de atrair os franceses.

No entanto, conforme os dados de planejamento da época,¹² o exército alemão não possuía efetivo suficiente para esse amplo ataque através da maior parte da Bélgica. A solução encontrada foi, segundo Barbara Tuchman, revolucionária. Ele decidiu-se pelo emprego de unidades da reserva na linha de frente. Segundo a doutrina vigente, as unidades de reservistas prestavam apenas como força de ocupação e serviços na retaguarda, por não possuírem a disciplina, o adestramento e o espírito de corpo das unidades da ativa. Com esta decisão inovadora, Schlieffen acrescentou vinte divisões às cinquenta que deveriam realizar o ataque (TUCHMAN, 1998, p. 30).

Schlieffen deixou a chefia do Estado-Maior em 1906. Seu substituto, Ludwig von Moltke, sobrinho do famoso vencedor da guerra franco-prussiana, era mais pessimista e não compartilhava da crença inabalável de seu antecessor e receava pela fraqueza das forças alemãs diante da França e da Rússia. Para aumentar a segurança, ele retirou forças da ala direita e alocou-as ao centro e à esquerda.

O fato de o Plano Schlieffen ter sido elaborado e adotado revela a primazia da vi-

são militar sobre a política na tomada de decisões pela Alemanha. Seguidor de Clausewitz no plano operacional e tático, Schlieffen, no entanto, desprezava a ideia do mestre prussiano de que a condução da guerra deve subordinar-se à política. Essa inversão de valores ficou evidenciada pela incompatibilidade entre os esforços político-diplomáticos da Alemanha e o seu planejamento militar.

Ao mesmo tempo em que buscava aliar-se com a Inglaterra, o que selaria a sua hegemonia sobre o continente ou, pelo menos, garantiria a neutralidade dela, a Alemanha elaborava planos militares que tornavam impraticáveis tais possibilidades, já que a violação da neutralidade belga era sabidamente *casus belli* para a Inglaterra.¹³

Tanto o *Kaiser* quanto o chanceler alemão curvaram-se submissamente ao argumento da necessidade militar.

2 . A violação da neutralidade belga não era surpresa para o exército francês; pelo contrário, era dada como certa. A única preocupação era assegurar que o exército alemão a violasse primeiro. No entanto, os planejadores militares franceses acreditavam que os alemães invadiriam apenas parcialmente a Bélgica, passando ao sul e a leste do rio Mosa. Baseava-se tal pensamento no mesmo problema enfrentado por Schlieffen. Pelos cálculos franceses, o exército alemão também não teria forças em número suficiente para expandir o ataque a oeste do Mosa. Julgavam que, se o fizessem, seria melhor para a França, já que enfraqueceriam muito seu centro e esquerda e permitiriam ser cortados ao meio, conforme declarou confiantemente o subchefe do Estado-Maior francês em 1913 (TUCHMAN, 1998, p. 33).

A França adotara, após a derrota de 1871, uma estratégia defensiva contra a Alemanha, enquanto seu exército se transformava a fim de corrigir as deficiências apresentadas na guerra.

A partir dos últimos anos do século XIX, com suas forças físicas e morais em franca recuperação, o pensamento das elites francesas reclamou o resgate do *élan* vital, a vontade que tudo conquista, que no meio militar, animado do mesmo espírito, foi ratificado pela adoção de uma doutrina eminentemente ofensiva, traduzida pela ideia de *offensive à outrance* — ofensiva a todo transe, levada ao extremo.

A despeito disso, em 1911, o general Michel, cuja função lhe daria o cargo de comandante em chefe em caso de guerra, propôs um plano defensivo que previa o grosso do esforço francês justamente ao longo da fronteira com a Bélgica. Ele previu acertadamente que, para dar a amplitude adequada à manobra preferencial dos alemães, o cerco, eles precisariam atacar através de toda a Bélgica. Ele também propôs duplicar o efetivo das tropas da linha de frente pela adição de um regimento de reservistas para cada regimento da ativa. Entretanto, seu plano teve repúdio quase que total, tanto por contrariar o dogma da incapacidade das unidades de reservistas para as ações de combate, quanto pela ausência de espírito ofensivo. Considerado indeciso por muitos dos seus pares, a rejeição ao plano do general Michel deu ao ministro da Guerra o motivo para exonerá-lo de seu cargo (TUCHMAN, 1998, p. 40, 41).¹⁴

Seu substituto, o general Joffre, em sintonia com a mentalidade dominante,

adotou a estratégia ofensiva. Em 1913, foram completados os planejamentos do Plano XVII.¹⁵ Eram previstas duas grandes ofensivas, uma à esquerda da região fortificada alemã de Metz-Thioville e outra à direita. O Plano XVII era mais um plano de concentração estratégica e de movimentação do que propriamente um plano detalhado de campanha, como o alemão. Estabelecia algumas direções táticas de atuação para cada um dos cinco exércitos, a fim de que fossem oportunamente adotadas as que melhor se adequassem às linhas de ação evidenciadas pelos alemães. Os ataques franceses incidiriam sobre o centro e o flanco esquerdo do exército alemão e dois terços da fronteira com a Bélgica ficavam desguarnecidos. De acordo com Joffre, o plano era “*a posteriori* e oportunista”, o importante era atacar.

Mas a estratégia francesa não era apenas ofensiva, em nível mais amplo, era uma estratégia de abertura de múltiplas frentes de combate contra a Alemanha, a fim de impedi-la de concentrar todo seu poder sobre apenas um adversário. Nesse sentido, os russos foram convencidos da necessidade de desencadear uma ofensiva simultânea à francesa.¹⁶

Joffre, enquanto elaborava seu Plano XVII, também pensou em atacar através do território belga, mesmo antes dos alemães, devido às vantagens operacionais dessa linha de ação. Mas essa possibilidade lhe foi negada duas vezes, por dois governos sucessivos (DOUGHTY, 2005, p. 21). Na França, o planejamento militar da guerra subordinou-se aos imperativos políticos.

A guerra de movimento

Ambos os planos falharam; o francês, logo a partir do seu desencadeamento, e o alemão, no desenrolar das operações.

A ofensiva dos cinco exércitos franceses foi detida de dois a quatro dias após chocar-se com o grosso do inimigo, na que ficou conhecida como a batalha das fronteiras.¹⁷ Nessa batalha, a fraqueza doutrinária da *offensive à outrance* revelou-se com toda a sua crueza para os franceses. Por mais que suas tropas tenham atacado com galhardia e coragem, quando os ataques, previstos para terminar em cargas de baioneta, chocaram-se contra o grosso do inimigo, bem protegido, nada puderam fazer diante do fogo das metralhadoras e da artilharia.

A inferioridade francesa em termos de artilharia pesada era muito grande — mais um efeito negativo da *offensive à outrance*. Para garantir a mobilidade que julgavam necessária às ações ofensivas, os franceses consideravam suficiente o apoio de fogo prestado pelos seus canhões 75mm. Para a maioria dos artilheiros franceses, a artilharia pesada, de baixa mobilidade na época da tração animal, apenas atrasaria o avanço das tropas em seu esforço ofensivo (TUCHMAN, 1998, p. 270); consideravam-na útil mais como artilharia de sítio, não de campanha. Desse modo, ao eclodir a guerra, a artilharia pesada do exército francês estava muito inferiorizada em relação à do alemão, que a tinha em muito maior número e com maior alcance e cadência de tiro que suas similares francesas (DOUGHTY, 2005, p. 29).¹⁸

Embora excelentes e de elevada cadência de tiro,¹⁹ os 75mm eram canhões;

sua trajetória de tiro tensa dificultava o tiro desenfreado e o engajamento de alvos na contraencosta. Ao entrarem em posição de tiro, os 75mm ficavam expostos aos fogos de contrabateria alemães, o que dificultou muito, ou impediu o seu efetivo apoio de fogo aos ataques da infantaria. A despeito disso, muitas vezes, esses ataques foram imprudentemente desencadeados antes de a artilharia entrar em posição.

Ademais, em nenhuma de suas frentes de ataque, os franceses obtiveram a superioridade numérica que esperavam (TUCHMAN, 1998, p. 316).

O plano alemão começou a falhar quando os russos atacaram antes do esperado. A expectativa alemã de que os belgas apenas protestariam também não se concretizou. O exército belga deteve o ataque alemão por alguns dias, até que a artilharia de sítio alemã²⁰ fosse trazida à frente e desmantelasse as fortalezas de Liège e Namur. Apesar de o retardo imposto ao avanço alemão não ter sido significativo, a resistência belga privou a ala direita alemã de dois corpos de exército, deixados atrás para sitiá-lo o exército belga em Antuérpia e para controlar Bruxelas e o resto do país.

A Batalha das Fronteiras se desenrolou de 20 a 24 de agosto. Derrotada a ofensiva francesa, a ala direita alemã, composta pelos I, II e III exércitos, forçou o recuo da ala esquerda aliada, composta pela Força Expedicionária Britânica (BEF)²¹ e pelos 5º e 4º exércitos franceses.

Joffre, retirando tropas de sua ala direita, formou um exército adicional, o 6º, que foi deslocado para o flanco esquerdo da BEF e com o qual esperava retomar a ofensi-

va. Joffre planejou deter os alemães no corte do rio Somme, a fim de assegurar a concentração do 6º Ex e contra-atacar em seguida. Esta manobra foi inviabilizada porque o comandante da BEF, que não era subordinado a Joffre, alegando o desgaste sofrido por suas tropas na batalha das fronteiras, recusou-se a resistir e retirou suas forças do Somme, deixando exposto o flanco do 5º Ex.

Joffre não teve outra opção além de retrainir toda a sua ala esquerda até o rio Aisne, onde tentou novamente a mesma manobra. Novamente, o comandante da BEF inviabilizou a manobra ao recusar resistir ao lado do 5º Ex e prosseguir no seu retraimento.²²

Joffre planejou outro retraimento, dessa vez até o rio Sena, onde tentaria executar a manobra já duas vezes inviabilizada. Nesse retraimento em direção ao sudoeste, o flanco esquerdo do exército aliado passou a leste de Paris, que ficou descoberta. A fim de proteger a capital, Joffre passou, em 31 de agosto, o 6º Ex ao comando do general Gallieni, o governador militar de Paris.

Moltke, por seu turno, mais uma vez alterou o plano inicial de campanha, ao não resistir à impetuosidade dos comandantes dos dois exércitos do flanco esquerdo, previstos por Schlieffen para permanecer na defensiva, e autorizá-los a atacar. Com essa alteração, Moltke praticamente abriu mão da possibilidade de reforçar o flanco direito com tropas retiradas desses dois exércitos. Apesar de enfraquecida pelos contínuos reforços à ala esquerda, a ala direita francesa conteve esse ataque até a batalha do Marne.

Com a vitória parcial do 1º exército russo em Gumbinnen em 19 de agosto, mais dois corpos de exército foram retirados da

ala direita e enviados em reforço ao exército alemão na frente russa. Estes corpos não chegaram a tempo de participar da batalha de Tannenberg, 27 a 29 de agosto, na qual os alemães aniquilaram o 2º exército russo, e fatalmente faltaram aos alemães na batalha do Marne.

Von Kluck, o comandante do I exército, o mais à direita da ala direita alemã, cometeu a modificação decisiva para o fracasso do plano germânico. Ele resolveu, em 30 de agosto, encurtar o movimento de cerco e passar ao norte de Paris, a fim de acelerar a perseguição aos aliados, particularmente a BEF e o 5º exército, que lhe faziam frente, e que ele acreditava estarem definitivamente batidos e em franca fuga. Ao ultrapassar Paris e deixar apenas um corpo de exército frente à capital, seu flanco ficou exposto ao 6º exército francês. Tanto Gallieni quanto Joffre perceberam imediatamente a oportunidade e não a perderam. Mais tropas foram transferidas para o flanco esquerdo e, em seis de setembro, o exército francês passou à contraofensiva em toda a sua frente.

Ao voltar-se contra o 6º exército para evitar ser flanqueado, Kluck abriu uma brecha de 32 quilômetros entre o seu exército e o de Von Bülow. Por ironia do destino, a brecha abriu-se principalmente diante da BEF, cujo comandante fora tão pouco colaborativo com seu aliado, que lutava encarniçadamente para salvar seu país. A BEF avançou lentamente pela brecha e atravessou o rio Marne; o 5º exército, na sua direita, também avançou, lutando contra o flanco direito do exército de Bülow para alargar a brecha. O exército alemão, a fim de evitar uma derrota decisiva, iniciou o recuo de todo o seu flanco

direito até cerca de noventa quilômetros a nordeste de Paris, quando, por fim, a frente foi estabilizada.

A *offensive à outrance* custou caro aos franceses, mas, se o espírito ofensivo não estivesse entranhado na alma do exército, teria ele tido a energia e a força moral para retomar impetuosamente a ofensiva, após estar exaurido por doze dias de constantes combates, de recuar cerca de 140 quilômetros e ter estado à beira da derrota?

O êxito obtido deveu-se muito à atuação de Joffre. Ele se manteve sempre perfeitamente calmo e lúcido, mesmo nos momentos mais difíceis, e exerceu o controle absoluto das operações. Sua enérgica liderança foi fator crítico para a vitória. Nas primeiras cinco semanas da guerra, ele exonerou, por desempenho insuficiente ou por falta de agressividade, dois comandantes de exército, dez comandantes de corpo de exército e trinta e oito comandantes de divisão, ou seja, praticamente a metade do total.

Outros homens, na maioria melhores do que os que foram afastados (inclusive três futuros marechais – Foch, Pétain e Franchet d'Esperey), foram promovidos em seus lugares. (...) o Exército ficou melhor. (TUCHMAN, 1998, p. 484 e 485)²³

Para os franceses, cujo país fora salvo da derrota na undécima hora, a batalha ficou logo conhecida como o “milagre do Marne”. Para Henri Bergman, o filósofo do *élan* vital, “Joana d’Arc venceu a batalha do Marne” (TUCHMAN, 1998, p. 505).

A opinião do inimigo é isenta. Moltke escreveu à esposa durante a batalha: “o *élan* francês, justamente quando está prestes a

extinguir-se, volta a arder poderosamente”. Kluck comentou posteriormente sobre a razão da derrota no Marne:

a razão que transcende todas as outras é a capacidade extraordinária e peculiar do soldado francês de recuperar-se rapidamente. Os homens se deixam matar onde estão, isso é algo conhecido e levado em conta em todos os planos de batalha. Mas uma coisa com a qual nunca contamos é que homens que bateram em retirada durante dez dias, dormindo no chão e meio mortos de cansaço, fossem capazes de pegar em armas e atacar quando soam os clarins. É uma possibilidade jamais estudada em nossa academia de guerra. (TUCHMAN, 1998, p. 506)

A partir da estabilização da frente, começou o que ficou conhecido como a corrida para o mar, quando cada lado estendeu continuamente sua frente a fim de tentar flanquear o inimigo. Essa fase durou até meados de novembro, quando uma longa linha de trincheiras estendeu-se por quase oitocentos quilômetros, do Canal da Mancha até a fronteira com a Suíça.

É interessante observar que o sistema alemão de dar ampla iniciativa para os comandantes tomarem suas decisões, por estarem mais próximos da ação e conhecerem melhor a situação tática, revelou-se fatal no Marne. Moltke estava cético quanto ao fato de o exército francês já estar realmente derrotado. Os poucos prisioneiros de guerra feitos após quase duas semanas de combates o convenceram de que o exército francês executava uma retirada coordenada. Seu Estado-Maior foi informado da transferência de tropas para o flanco esquerdo francês nas vésperas da batalha do Marne. Moltke

deu ordem a Kluck de retardar o seu avanço e adotar um dispositivo escalonado a fim de proteger o flanco do exército de Bülow contra qualquer ação vinda da região de Paris (TUCHMAN, 1998, p. 457-463). Kluck, confiando mais em sua própria avaliação, não cumpriu a ordem e prosseguiu avançando. Quando percebeu seu erro, já era tarde demais. Nesse caso, o sistema francês de estrito controle das operações nas mãos de Joffre foi muito mais eficaz.

A guerra de trincheiras

Após a estabilização da frente ocidental, os beligerantes, contrariamente a suas expectativas iniciais, convenceram-se de estarem diante de uma guerra longa e desgastante. Toda expectativa e todos os planos feitos antes da guerra levaram em conta um conflito curto, de alguns meses no máximo.

Em virtude disso, não houve a preocupação prévia de planejar a mobilização industrial. Os beligerantes viram-se então pesadamente envolvidos numa guerra de atrito sem que seus parques industriais fossem capazes de atender imediatamente às necessidades cada vez maiores da guerra. Tal deficiência foi particularmente sensível para França.²⁴

A situação francesa viu-se ainda mais agravada pela ocupação da província mineral de Briey, a leste de Verdun. Em consequência, a França perdeu, pelo resto da guerra, 83% da sua produção de minério de ferro e 60% da produção de aço (DOUGHTY, 2005, p. 35).

Em virtude da mobilização de pessoal, o efetivo de 1,5 milhão de operários em agosto de 1914 caiu para 524 mil em dezem-

bro do mesmo ano. Diante da necessidade de aumentar a produção industrial, cerca de 500 mil operários foram, até dezembro de 1915, dispensados do serviço militar para retornarem às fábricas.²⁵

As necessidades mais prementes da França eram aumentar enormemente a produção de munição de artilharia e eliminar sua deficiência em artilharia pesada.²⁶ A indústria francesa teve também de ajustar-se a outras demandas da guerra de trincheiras, principalmente em termos de metralhadoras, cuja produção mensal cresceu de 54 em setembro de 1914 para 1.199 um ano depois. Em suas batalhas iniciais, o exército francês ressentiu-se da ausência de arame farpado, granadas de mão, morteiros de trincheira e, até mesmo, prosaicos alicates para cortar arame. A tudo isso teve de responder o esforço industrial francês (DOUGHTY, 2005, p. 115-119).

Quanto às operações, o exército francês retomou logo a seguir as operações ofensivas. Entre dezembro de 1914 e outubro de 1915, Joffre desencadeou cinco grandes ofensivas, que resultaram em avanços muito reduzidos, poucos resultados objetivos e enorme número de baixas.

Os alemães, por sua vez, após malograrem em sua tentativa de derrotar rápida e decisivamente a França, passaram a adotar uma postura defensiva na frente ocidental, embora conduzissem ações ofensivas pontuais e contra-ataques, ocasiões em que empregaram gases asfixiantes pela primeira vez. Eles deslocaram forças para a frente oriental a fim de aumentar a pressão sobre a Rússia, transferindo para esta frente seu esforço principal. Em dois de maio de 1915, uma

ofensiva conjunta alemã e austríaca rompeu as linhas russas, empurrando-as 300 quilômetros para trás após três meses de combates e expulsando os russos da Polônia, então território russo.

Este avanço austro-alemão é incomparável com o máximo de quatro quilômetros alcançados pelas ofensivas francesas do mesmo ano. Mas esta comparação é indevida. Por sua enorme extensão, a frente oriental nunca se imobilizou inteiramente em uma guerra de trincheiras como a frente ocidental. Esta realidade impediu qualquer flexibilidade de manobra, provocou uma guerra de atrito extremamente custosa em termos materiais e de vidas humanas e inviabilizou a guerra de movimento por mais de três anos na frente ocidental.

A vitória no Marne compensara, aos olhos da população e do governo francês, o fracasso completo do Plano XVII de Joffre. Mas, após as primeiras e frustrantes ofensivas de 1915, o papel de Joffre foi novamente contestado. Convocado a prestar esclarecimentos ao Conselho de Ministros, Joffre expôs sua opinião de que a guerra tinha de ser vista sob um ponto de vista mais amplo, ditado pela necessidade estratégica de lutar contra a Alemanha em múltiplas frentes.

As ofensivas não tinham sido inúteis e insensatos ataques frontais, segundo ele, mas, ações fundamentais para evitar ao máximo a transferência de mais forças alemãs para a frente oriental e impedir a concentração de um poder militar capaz de derrotar decisivamente os russos, o que, em seguida, condenaria a França a sorte semelhante.²⁷ Joffre considerava essencial a ação simultânea de franceses, russos, sérvios e italianos:

Com todos estes ataques simultâneos, cada um ajuda o outro; não se busca tanto uma ruptura, mas a pressão de todos ao mesmo tempo e assim aumentar a possibilidade de um ou outro obter sucesso. (DOUGHTY, 2005, p. 153).

Joffre manteve-se no cargo e dedicou-se a reorganizar e reequipar suas tropas, recompor os estoques de munição e planejar a próxima ofensiva, a ser desencadeada em 1916 na região do Somme. Mas estava claro na mente de todos a necessidade de se buscarem alternativas operacionais e táticas para o prosseguimento da guerra.

Os alemães transferiram novamente o seu esforço principal para a frente francesa e executaram a ofensiva que levou a guerra de atrito a sua expressão paroxísmica. Von Falkenhayn, o novo chefe do estado-maior, planejou uma operação que não visava propriamente à conquista de nenhum ponto capital do terreno, nem mesmo priorizava o rompimento do dispositivo inimigo, como havia sido a intenção das ofensivas francesas em 1915, mas simplesmente fazer o exército francês sangrar até a morte. Com isso, acreditava forçar a França a solicitar a paz. Escolheu a região de Verdun para atacar incessantemente, por saber que a França a defenderia a todo custo.²⁸

O ataque alemão a Verdun iniciou-se em 21 de fevereiro de 1916 com uma esmagadora preparação de artilharia. O 2º exército francês, sobre o qual incidiu o ataque, e que dispunha de oito divisões, foi logo reforçado e passou, em março, a vinte e, posteriormente, a vinte e quatro divisões. Em junho, a pressão alemã atingiu o ápice. A planejada ofensiva aliada no Somme tor-

nara-se imprescindível para aliviar a pressão sobre Verdun. Além disso, fiel à estratégia da múltipla frente, Joffre instou os russos a passarem à ofensiva, a fim de atrair forças alemãs e colaborar no alívio da pressão na frente ocidental.

Em junho, os russos desencadearam sua ofensiva contra os austríacos. Na frente ocidental, a ofensiva anglo-francesa no Somme começou em julho e estendeu-se até novembro. Na frente oriental, entre junho e agosto, o grupo de exércitos russos sob o comando do general Brusilov obteve grande vitória sobre os austríacos, fazendo-os retroceder, em uma frente de mais de trezentos quilômetros, cerca de cem quilômetros em grande parte dessa frente. A dificuldade de coordenação de esforços que continuou a haver entre franceses e ingleses durante a batalha do Somme, os russos tinham-na entre si mesmos, já que o general Brusilov não contou com o apoio de nenhum dos outros grupos de exércitos russos para manter o ímpeto de sua ofensiva. A ofensiva no Somme, por sua vez, obteve poucos ganhos ao custo de enormes baixas. No entanto, ambas as ofensivas serviram para atrair ou fixar forças alemãs e, com isso, aliviar a pressão sobre Verdun.

Em agosto, os franceses passaram à contraofensiva em Verdun e, em meados de dezembro, quando a batalha se encerrou, haviam, praticamente, retornado às posições que mantinham em fevereiro.²⁹

O custo humano das batalhas de Verdun e do Somme foi altíssimo,³⁰ apesar de ter sido, no que concerne aos franceses, menor do que o sofrido tanto nas campanhas de 1914, quanto nas de 1915. Os alemães

não conseguiram fazer o exército francês sangrar mais do que eles próprios sangraram. A eficiente estratégia aliada de múltiplas frentes impediu que eles continuassem a concentrar um poder esmagador contra Verdun, e as inovações táticas introduzidas pelos generais Pétain e Nivelle, comandante do grupo de exércitos do centro e do 2º exército francês respectivamente, permitiram-lhes poupar vidas quando a ofensiva foi retomada (DOUGHTY, 2005, p. 261).

Embora possam ser consideradas vitórias aliadas, as grandes batalhas do Somme e de Verdun³¹ não alteraram a situação estratégica, que continuou imobilizada na frente ocidental e que retornou à estabilização na oriental.

O ano de 1916 caracterizou-se também pela única tentativa da marinha alemã de romper o bloqueio naval imposto à Alemanha. A batalha naval da Jutlândia travou-se em 31 de maio e 1º de junho — apesar de as perdas inglesas terem sido significativamente maiores, em termos estratégicos, a vitória foi britânica, já que, após a batalha, a marinha alemã retornou aos seus portos e não mais desafiou o poderio naval inglês. Os alemães passaram então a privilegiar a guerra submarina, que foi intensificada com o objetivo de estrangular o comércio e o fluxo de matérias primas para os aliados, o que acabou por provocar, em abril do ano seguinte, a entrada dos Estados Unidos na guerra.

O general Nivelle, nomeado para o lugar de Joffre em dezembro de 1916, planejou a próxima grande ofensiva aliada, a ser desencadeada em meados de abril de 1917. Estimulado pelos bons resultados que obte-

ve em sua contraofensiva em Verdun, Nivelle estava certo de poder repeti-los em nível mais amplo, de modo a lhe permitir romper as defesas alemãs, obter uma vitória decisiva e, ao mesmo tempo, sofrer poucas baixas em relação às ofensivas anteriores. Esta confiança, Nivelle a transmitiu enfaticamente ao governo e ao exército.

Embora no nível tático sua ofensiva tenha forçado as linhas alemãs a recuarem mais do que nas operações anteriores,³² as expectativas estratégicas de romper as linhas alemãs e obter vitória decisiva fracassaram, e o número de baixas foi muito maior do que o estimado. A quebra da expectativa de vitória e o elevado número de baixas impactaram fortemente o moral do exército francês, que já vinha apresentando sinais preocupantes desde o fim do ano anterior.³³ No princípio de maio, unidades francesas recusaram-se a atacar. Outras unidades fizeram o mesmo e, logo, o motim se espalhou, afetando cinquenta e quatro divisões (DOUGHTY, 2005, p. 361). Em 16 de maio, a ofensiva foi cancelada, Nivelle, exonerado, e Pétain nomeado para seu lugar.

Conhecido desde antes da guerra pela sua descrença na *offensive à outrance*, Pétain era um general cauteloso; alguns o julgavam mesmo pessimista, que percebia a necessidade de preservar as tropas.³⁴ Pétain, ao mesmo tempo em que introduziu muitas melhorias no bem-estar da tropa, tratou com firmeza os amotinados. Entre mais de quinhentas condenações à morte, cinquenta e cinco foram executadas. Em alguns meses, a gravíssima crise³⁵ estava superada, e o exército, revitalizado pelas melhorias obtidas e adestrado segundo novos métodos de com-

bate, estava novamente apto para retomar a ofensiva (DOUGHTY, 2005, p. 364-368).

Pétain, no entanto, não optou de imediato por grandes ofensivas como as anteriores. Adotou uma postura de ofensiva limitada (FRANÇA, 1917a) e empreendeu uma série de ataques pontuais e isolados entre agosto e dezembro, a fim de consolidar a recuperação moral do exército e melhorar suas posições no terreno.

Pétain também deu início a um intenso programa de rearmamento, a fim de assegurar a superioridade material do exército francês, que lhe permitisse maior eficácia com menos perdas humanas. Priorizou a produção de aviões, artilharia pesada, carros de combate e agentes químicos. A superioridade aérea alemã nas operações anteriores prejudicava seriamente a eficiência da artilharia francesa, por restringir a ação dos seus observadores aéreos. Por ação de Pétain, deu-se início à produção de 2.870 aviões modernos de todos os tipos, mais do que o dobro dos aviões disponíveis em janeiro de 1917; no que tange a artilharia, ele deu prioridade para a produção de obuseiros de 155mm, mais eficazes contra posições entrancheiradas, em detrimento dos canhões de 75mm; por compreender a importância do apoio dos carros de combate para a infantaria, atribuiu especial ênfase ao aumento da produção deles e triplicou a quantidade já encomendada à indústria, estabelecendo-a em 3.500; e, para complementar o programa de artilharia, encomendou enormes quantidades de granadas químicas e fumígenas, para neutralizar o inimigo com agentes químicos e encobrir a progressão da infantaria e dos carros com grandes nuvens de fu-

maça (DOUGHTY, 2005, p. 369-370).

As grandes ofensivas, porém, não estavam descartadas; Pétain apenas considerava conveniente adiá-las, a fim de dar tempo para a recuperação material do exército e, conforme dizia, “esperar os americanos e os carros de combate”.³⁶

O ano de 1917 foi também marcado pela retirada da Rússia da guerra. Em janeiro, o adido militar francês informou que a situação política na Rússia era absolutamente alarmante (DOUGHTY, 2005, p. 339). No início de março, rebeliões eclodiram em Petrogrado, e motins espalharam-se pelo exército. Em 12 de março, os russos estabeleceram um governo provisório, e, três dias depois, o Czar Nicolau II abdicou em favor de seu irmão, que, logo após, abdicou em favor do governo provisório. Embora o novo governo tenha decidido pela continuidade da guerra, o exército russo praticamente viu seu poder de combate esfumaçar-se devido à calamitosa situação socioeconômica do país e à onda de indisciplina e de deserções em massa que progressivamente sofreu. Com a revolução comunista de outubro vitoriosa, o governo bolchevista retirou a Rússia da guerra e selou a paz com a Alemanha por meio do Tratado de Brest-Litovsk, assinado em 3 de março de 1918.

Outro evento importante foi a nomeação de Georges Clemenceau para a cargo de primeiro-ministro francês em novembro de 1917, após a queda de três governos neste mesmo ano. Clemenceau avocou a si também o cargo de ministro da Guerra. A França estava esgotada fisicamente por quatro anos de guerra e em vias de abalar-se moralmente por uma campanha pacifista que

tendia a fortalecer-se. Com extrema energia e determinação,³⁷ Clemenceau aglutinou as forças do país, reacendeu seu ânimo, reprimiu severamente os líderes derrotistas e deu o respaldo político para que o exército francês empreendesse o esforço final para, juntamente com seus aliados, selar a vitória.

O retorno ao movimento e a vitória

No final de 1917, com a saída da Rússia da guerra, ficou evidente para os aliados que a Alemanha desencadearia uma grande ofensiva na França na primavera de 1918, valendo-se do reforço de tropas antes empregadas no Leste.

Diante deste quadro, os aliados criaram, em novembro de 1917, o Conselho Supremo de Guerra, do qual participavam os líderes políticos e seus representantes militares. O Conselho tinha como objetivo melhorar a coordenação estratégica e operacional, mas o progresso foi lento neste sentido. Na segunda reunião do Conselho, em 1º de dezembro, os representantes militares propuseram a adoção de um “bem coordenado plano de defesa”, que englobasse toda a frente, do Canal da Mancha até o Adriático. Na realidade, inexistia tal coordenação, mesmo entre franceses e ingleses. Pelos próximos três meses, eles pouco mais fizeram além de coordenar o emprego de suas reservas (DOUGHTY, 2005, p. 407).

Os eventos seguintes foram marcados pelas diferentes personalidades e convicções dos principais generais aliados, particularmente, Pétain, comandante do exército francês, e Foch, chefe do Estado-Maior francês.³⁸ A Pétain, cauteloso e pessimista, opunha-

-se Foch, ousado e otimista. Foch pleiteava a constituição de uma grande reserva aliada e o planejamento prévio de uma ampla contraofensiva. Para Foch, o único modo de deter uma poderosa ofensiva era por meio do lançamento de outra poderosa ofensiva (DOUGHTY, 2005, p. 410).³⁹ Pétain discordava fortemente, por julgar que a França não possuía efetivo suficiente para isso.⁴⁰

Conforme suas novas instruções táticas (FRANÇA, 1917b), Pétain determinou o abandono da concentração do poder de combate nas primeiras linhas de defesa, o que, segundo ele, apenas causava o aumento inútil das baixas. Planejou a condução da defesa em profundidade, deixando-se centros de resistência à frente, a fim de desorganizar o assalto inimigo, separar sua infantaria da artilharia e facilitar os contra-ataques.⁴¹ Desse modo, pôde também organizar uma poderosa reserva de 39 divisões de infantaria e duas de cavalaria. Por meio dessas reservas, Pétain esperava conduzir uma defesa ativa e impedir os alemães de romperem suas linhas de defesa. Pétain e Haig também coordenaram previa e detalhadamente o emprego de suas reservas⁴² em apoio mútuo. Em janeiro de 1918, o exército francês tinha sob sua responsabilidade 530km de uma frente total de 754km (DOUGHTY, 2005, p. 428).

A ofensiva alemã da primavera, planejada e comandada pelo general Erich von Ludendorff,⁴³ compôs-se de cinco grandes ataques sucessivos, dos quais os mais perigosos foram o primeiro e o terceiro, que chegaram perigosamente perto de romper as linhas aliadas.

Desencadeado em 21 de março, o primeiro ataque incidiu sobre os ingleses na

região do Somme, numa frente de mais de setenta quilômetros, cujo principal objetivo era Amiens, com a intenção de introduzir uma cunha entre os dois aliados e separá-los definitivamente. Estendido até 5 de abril, o ataque obteve grande sucesso inicial, forçando os ingleses a recuarem desde o primeiro dia. Fortemente pressionados, eles solicitaram imediato apoio aos franceses, conforme os planejamentos prévios. A ligação entre os dois exércitos aliados chegou a ser interrompida, deixando-os perigosamente perto de serem obrigados a lutar duas batalhas distintas, uma britânica pelos portos do Canal e uma francesa em defesa de Paris. A necessidade de conter o avanço foi tão urgente nos primeiros dias do ataque que as unidades francesas da reserva foram enviadas diretamente ao combate logo após desembarcarem dos trens e caminhões, antes de se reconstituírem em grandes unidades e grandes comandos, antes mesmo de contarem com sua artilharia. Em 26 de março, dezesseis divisões francesas da reserva já estavam engajadas na batalha e mais de vinte, a caminho. No dia 30, quando o avanço alemão foi detido, após forçar um recuo de quase setenta quilômetros das linhas aliadas, a frente francesa tinha aumentado 92km, mas a ligação entre franceses e ingleses fora preservada.

Durante esse ataque, Pershing concordou em reforçar os exércitos franceses e ingleses, em diferentes setores da linha de frente, com as primeiras quatro divisões norte-americanas, a fim de liberar divisões aliadas⁴⁴ para a batalha.

Um fato de vital importância, motivado pelo grande risco que se estava correndo,

foi a adoção da unidade de comando. Clemenceau obteve dos aliados, na Conferência de Doullens, em 25 de março, a nomeação de Foch⁴⁵ para coordenar as ações dos aliados na frente ocidental. Em três de abril, na conferência de Beauvais, Foch tornou-se responsável pela direção estratégica das operações militares aliadas,⁴⁶ o que significou, pela primeira vez na guerra, a unidade de comando entre os exércitos aliados. Munido de sua nova autoridade, Foch empreendeu intensa atividade para coordenar a contenção dos próximos e esperados ataques alemães, ao mesmo tempo em que efetuava os planejamentos e preparativos necessários para a retomada da ofensiva tão logo possível.

O segundo ataque foi novamente dirigido contra os ingleses⁴⁷ na região de Flandres ao Norte. Estendeu-se de 9 a 30 de abril e avançou cerca de 10 km. Novamente, embora em bem menor número, tropas francesas foram enviadas em reforço aos ingleses.⁴⁸

Após sofrerem estes dois ataques, franceses e ingleses pressionaram os norte-americanos para aumentarem sua participação nos combates, apesar de ainda estarem em nível rudimentar de adestramento (NEIBERG, 2003, p. 67). Pershing rejeitava firmemente a ideia aliada de amalgamação, ou seja, a integração de unidades norte-americanas em divisões francesas e inglesas, a fim de compensar as pesadas perdas sofridas e ao mesmo tempo acelerar a preparação destas unidades. Ele aceitava plenamente submeter-se à direção estratégica de Foch, desde que o exército norte-americano fosse empregado em conjunto, sob o comando dele e em uma frente própria.⁴⁹ Esta firme

posição de Pershing, compreensível, aliás, retardou significativamente a participação mais efetiva dos EUA na guerra. Quando o fizeram, em meados de setembro, a maré da guerra já tinha mudado em favor dos aliados.

O terceiro ataque alemão ocorreu ao longo da crista de elevações por onde corria a estrada chamada “caminho das damas” (*chemin des dames*), a oeste da cidade de Reims, o mesmo local da ofensiva do general Nivelle no ano anterior. A inteligência aliada não esperava o ataque nesta área, mas sim a renovação da tentativa de separar os exércitos aliados na região de Amiens. O 6º exército francês, ocupando uma frente de cerca de 90km, defendia o caminho das damas com onze divisões e mais quatro em reserva; destas, quatro eram inglesas, sendo uma na reserva.⁵⁰

Em 27 de maio, após uma preparação de 4.000 peças de artilharia, os alemães atacaram com um total de 42 divisões ao longo de uma frente de 50km, defendida por seis divisões, entre as quais as três inglesas. A divisão francesa no centro do dispositivo, atacada por cinco divisões inimigas foi aniquilada; sua vizinha inglesa, atacada por quatro divisões, sofreu enormes baixas. No final do dia, os alemães haviam avançado dezesseis quilômetros e haviam aberto uma brecha de doze quilômetros nas linhas aliadas (DOUGHTY, 2005, p. 450-451).⁵¹ Em 1º de junho, o avanço alemão atingiu cinquenta e cinco quilômetros. Novamente houve o desesperado esforço aliado de lançar isoladamente unidades em combate a fim de deter o avanço. Nesse dia, Pétain descreveu a situação a Foch:

[...] desde 27 de maio, a batalha já absorveu trinta e sete divisões, sendo cinco britânicas. Dezesete destas divisões estão completamente exaustas; destas, duas ou três não poderão mais ser reconstituídas. Quatro divisões foram engajadas ontem, mais cinco estão chegando e deverão estar engajadas entre 31 de maio e 1º de junho. (DOUGHTY, 2005, p. 452)

Diante da situação, considerada a mais perigosa de toda a guerra,⁵² Foch liberou sua reserva geral, os 5º e 10º exércitos franceses, que se encontravam na região de Amiens, atrás da frente inglesa. Em 28 de maio, Pershing também concordou em liberar mais duas divisões norte-americanas para guarnecerem as pontes sobre o rio Marne. Em 1º de junho, estas divisões e mais quatro divisões francesas recém-chegadas apresentaram forte defesa no corte deste rio (DOUGHTY, 2005, p. 455). No dia 6, o avanço alemão estava detido, após ter chegado a sessenta quilômetros de Paris.

Os alemães ainda desencadearam outros dois ataques, mas sem os mesmos resultados, devido a os aliados terem detectado os locais de ataque e posicionado prévia e adequadamente suas reservas. O último ataque, entre 15 e 17 de julho, foi realizado concomitantemente com os preparativos finais da contraofensiva aliada — outra batalha, desta vez com resultados decisivos, estava para ser travada no Marne.

Em julho de 1918, a situação tornara-se favorável aos aliados. No nível estratégico, França, Inglaterra, Bélgica, Itália e Estados Unidos passaram a atuar conjuntamente, sob a firme coordenação de Foch;⁵³ no nível operacional, a ligação essencial entre franceses e ingleses em torno de Amiens

fora preservada, indicando que, a despeito de seus ganhos, o avanço alemão poderia ser detido e, no nível tático, os aliados haviam desenvolvido modos efetivos de se oporem às táticas alemãs (NEIBERG, 2003, p. 73). Além disso, a superioridade material passara para os aliados.⁵⁴ Foch percebeu então a oportunidade de desencadear a sua tão esperada contraofensiva.

A contraofensiva caracterizou-se por uma sequência ininterrupta de vários ataques em locais bem selecionados, um desencadeando-se imediatamente após o fim do outro, de modo a não dar tempo para a recomposição das forças alemãs e para a eficiente manobra de suas reservas. Abalada a consistência da defesa alemã por esta série constante de ataques, seguiu-se uma ofensiva geral de todos os exércitos aliados, que, por fim, pôs a Alemanha de joelhos.

Em 18 de julho, deu-se o início do primeiro golpe da contraofensiva, realizado, por cinco exércitos franceses⁵⁵ contra o saliente produzido pelos terceiro e quinto ataques alemães na região do Marne. Atacados imediatamente após seu último ataque ter sido detido, os alemães foram inteiramente surpreendidos. O 10º exército, responsável pela ação principal, atacou sem preparação prévia de artilharia. Contando com o apoio de mais de trezentos carros de combate e precedido por uma densa barragem rolante de fogos, obteve extraordinário êxito no primeiro dia. O ataque prosseguiu até três de agosto, quando o saliente foi eliminado. O fracasso da ofensiva da primavera e o êxito da contraofensiva aliada no Marne deram início à desintegração do exército alemão, que começou a dar

mostras de indisciplina e queda do moral (DOUGHTY, 2005, p. 470-474).

O segundo golpe, planejado e preparado enquanto a contraofensiva no Marne estava ocorrendo, foi desfechado em oito de agosto contra o saliente na região de Amiens, obtido pelo primeiro ataque alemão. Foi um esforço anglo-francês empreendido principalmente por dois exércitos, o 4º britânico e o 1º francês, cuja ação principal coube aos britânicos. A fim de assegurar a unidade de comando, Foch colocou o 1º exército francês sob o comando de Haig. Os ingleses, apoiados por mais de quatrocentos carros de combate, também atacaram sem preparação prévia de artilharia e avançaram rapidamente, cobertos por uma barragem rolante de fogos. Os franceses, contando com menos carros de combate, também obtiveram sucesso. No final do mês, quando a contraofensiva se deteve, o avanço aliado tinha sido grande ao longo de toda a frente do ataque, as perdas alemãs tinham sido muito pesadas, e a insubordinação e a indisciplina crescentes começaram a corroer o poder combativo dos soldados alemães, embora a maioria deles ainda tenha lutado bravamente (DOUGHTY, 2005, p. 478).

Ludendorff, em suas memórias, chamou o dia oito de agosto de “dia negro” do exército alemão. Em uma conferência com o *Kaiser*, em 14 de agosto, ele admitiu: “nós chegamos ao limite da nossa resistência” (DOUGHTY, 2005, p. 478). O *Kaiser* determinou então ao seu ministro de Assuntos Estrangeiros avaliar a possibilidade diplomática de uma paz negociada com os aliados.

Foch, por seu lado, resolveu ampliar a batalha e manter constante pressão sobre o

inimigo, a fim de impedi-lo de recuperar o equilíbrio, romper o contato ou contra-atacar, antes que o golpe final fosse aplicado. Foch engajou na batalha os exércitos ingleses e franceses, vizinhos, respectivamente ao Norte e ao Sul, dos dois já empenhados na batalha, e lançou, em seguida, o exército belga, apoiado por divisões inglesas, em direção à fronteira daquele país. Aproveitando-se da curvatura natural da frente, abriu uma nova grande direção de ataque, atribuindo uma frente própria para o exército dos EUA.⁵⁶ Desse modo, desencadeou, em 26 de setembro, a sua ofensiva geral com três grandes ataques convergentes, conduzidos, ao Norte, por ingleses com apoio francês, ao centro, por franceses, e, ao Sul, por norte-americanos e franceses. Pétain empregou inicialmente, nessa nova frente de ataque, o 1º exército dos EUA e o 4º exército francês.⁵⁷

Em 28 de setembro, após exitosa ofensiva aliada nos Bálcãs, conduzida por forças francesas, inglesas, sérvias e gregas, a Bulgária solicitou o armistício.⁵⁸ Nesse mesmo dia, o Alto-Comando alemão concluiu que, tanto estratégica quanto operacionalmente, as condições tinham pendido irreversivelmente para os aliados. No dia 30, o Chanceler renunciou. Na noite de três para quatro de outubro, o novo chefe do governo propôs ao presidente Wilson, por intermédio do governo suíço, um armistício imediato. Alguns dias depois, Wilson respondeu, para grande alívio dos franceses,⁵⁹ que cabia aos conselheiros militares dos governos aliados o estabelecimento das condições para um armistício. Ao mesmo tempo, a Áustria também solicitou o armistício (DOUGHTY, 2005, p. 491).

No entanto, a ofensiva prosseguiu com êxito na França ao longo de outubro,⁶⁰ apesar dos retardos provocados pela destruição sistemática feita pelas tropas alemãs em retirada e pelas dificuldades enfrentadas pelos norte-americanos em sua ofensiva.⁶¹ Em fins de outubro, a última linha de defesa alemã em território francês estava rompida nas três direções principais da ofensiva de Foch, o que provocou um recuo geral das linhas alemãs. No dia 25 de outubro, o Kaiser aceitou o pedido de demissão de Ludendorff. Em três de novembro, os italianos, após terem retomado a ofensiva, aceitaram, em nome dos aliados, o pedido de armistício da Áustria.

O impulso final na frente ocidental começou em 1º de novembro. Neste, as tropas norte-americanas finalmente se destacaram, obtendo rápidos avanços. Em sete de novembro, uma delegação alemã reuniu-se com Foch para tratar do armistício. Após a reunião, Foch informou aos comandantes aliados que, como o inimigo encontrava-se desorganizado e cedia em toda a frente, era urgente acelerar os esforços, a fim de tornar decisivos os resultados obtidos (DOUGHTY, 2005, p. 507).

No dia 11 de novembro às 5h10min, dois dias após a renúncia do Kaiser, o armistício foi assinado. Às 11h as hostilidades cessaram. Uma nova ofensiva francesa, com mais de vinte divisões, preparada por Pétain para ser desencadeada em 14 de novembro na Lorena, tornou-se desnecessária (DOUGHTY, 2005, p. 501).

Diante da reclamação da delegação alemã com a dureza das condições impostas,⁶² particularmente a continuação do bloqueio, Foch replicou asperamente:

Lembro aos senhores que este é um armistício militar; ele não encerra a guerra, mas serve para evitar que sua nação possa prosseguir nela. Os senhores devem também recordar a resposta dada a nós por Bismarck em 1871, quando fizemos pedido similar [por leniência] ao que os senhores fazem agora. Bismarck disse, na ocasião, "Krieg ist Krieg" e eu digo aos senhores "La guerre est la guerre". (NEIBERG, 2003, p. 85)

Durante as negociações de paz, Foch, defensor intransigente da extensão da fronteira francesa até o Reno, divergiu fortemente de Clemenceau, responsável pelo complexo e delicado jogo diplomático de equilibrar os interesses da França com os de seus aliados e de estabelecer o condicionamento futuro das relações internacionais. Neste tópico, o máximo obtido foi a desmilitarização da Renânia, remilitarizada em 1936, no primeiro passo de Hitler em direção à II Guerra Mundial.⁶³

Assinado em 28 de junho de 1919, o Tratado de Versalhes formalizou finalmente a paz entre as potências aliadas e a Alemanha.

Estereótipos e mitos

A 1ª Guerra Mundial é negligenciada nos estudos de história em nossas escolas militares. Não percebemos, nela, manobras brilhantes, planejadas e conduzidas por generais que passaram à história justamente por as terem planejado e conduzido. Vemo-la como uma guerra marcada pela carente imaginação tática dos ataques frontais. Em vista disso, e também da maior proximidade temporal dos exemplos operacionais e táticos

da II Guerra Mundial, não percebemos em que o estudo de suas operações e de suas circunstâncias possa contribuir para a formação profissional de nossos futuros oficiais.

Por outro lado, no meio civil, de modo geral, prevalece a interpretação, também estereotipada, de que a Grande Guerra não passou de uma guerra estúpida, na qual generais insensíveis à vida de seus soldados os enviavam, aos milhares, para a morte em inúteis e insensatos ataques contra bem guarnecidas trincheiras inimigas.

Há, sem dúvida, razões para explicar essas duas tendências, mas essas razões são frutos de apreciação sumária ou idealista dos fatos e, portanto, incapazes de interpretá-los integralmente na complexidade de suas circunstâncias — é o que se pretende comprovar com a argumentação a seguir.

Mesmo se admitindo a falta de imaginação tática e o morticínio dos ataques frontais, não se pode escapar da pergunta: qual seria a alternativa?

Certamente havia a alternativa política da busca negociada da paz. Mas essa possibilidade não foi cogitada por nenhuma das potências aliadas, que estavam comprometidas, desde o início da guerra, em não fazerem a paz em separado com a Alemanha. Particularmente para a França, essa negociação era inaceitável, dada a ocupação de importantes partes de seu território pelo inimigo. Uma paz negociada abriria caminho para a hegemonia alemã na Europa, o que era inaceitável para a Inglaterra; era também inaceitável para a Rússia, que veria a Áustria dominante nos Bálcãs.

De modo geral, uma eventual negociação da paz apenas postergaria o problema.

já que os conflitos geopolíticos que levaram à guerra não seriam resolvidos. A explicação concisa e caricatural de Raymond Aron é válida para a causa imediata da guerra, mas é evidente que, se não houvesse enormes tensões e choques de interesses por detrás dela, a guerra não teria assumido a dimensão que assumiu.

Havia também a alternativa social, particularmente nos países democráticos, da pressão popular pelo fim da guerra, o que forçaria os políticos a negociarem a paz. Na França, na Inglaterra e na Itália, a despeito dos enormes sacrifícios impostos à população, essa pressão não ocorreu, ou não prevaleceu. Na Alemanha, só aconteceu em novembro de 1918, quando a derrota já estava definida. No caso da Rússia, não houve propriamente uma pressão pelo fim da guerra, mas principalmente uma revolução contra o regime, cujas sementes preexistiam à própria guerra.

Na realidade, os povos mantiveram estoicamente seu apoio ao esforço de guerra. As famílias francesas não deixaram de enviar seus filhos ao exército. Na França, o percentual de recusa ao serviço militar declinou de 2,59% em 1915, para 1,08% em 1916 e para 0,88% em 1918 (DOUGHTY, 2005, p. 510). A uma proposta de mediação da paz pelo Papa Bento XV, em agosto de 1917, o padre Sertillanges, expressou, assim, a opinião do clero francês: “Santo Padre, nós não podemos, por enquanto, atender seus apelos de paz (...) nós não podemos crer em uma paz de conciliação” (LA GRANDE..., 2008). Um sentimento subjacente à aceitação de tantos sacrifícios e ao perseverante apoio das populações ao esforço de guerra talvez

tenha sido captado por Clemenceau, quando afirmou que “cabe aos vivos terminar o magnífico trabalho dos mortos” (NEIBERG, 2003, p. 68).

Não houve alternativa para os exércitos, senão o prosseguimento da luta. Mas como prosseguir, se não havia solução militar para ela? A opção pela defensiva por parte dos aliados permitiria à Alemanha a capacidade ofensiva de concentrar suas forças e eliminar sucessivamente seus adversários. Além disso, a defensiva não se constituía em solução para a França, por aceitar a ocupação inimiga de seu território.

Era então indispensável atacar, mas nenhuma escola de estado-maior preparara os generais e oficiais para travar o tipo de guerra com o qual se defrontaram. O problema militar posto diante dos generais era muito mais difícil do que o enfrentado em guerras anteriores ou posteriores. Todos procederam então por tentativa e erro, e os aspectos morais prevaleceram sobre os técnicos e os materiais.

Fala-se muito dos generais de *chateaux*, que comandavam a batalha da retaguarda, no conforto de seus quartéis-generais. Isso é em parte verdadeiro, mas houve a preocupação de evitar ao máximo essa prática e de fazer com que o comando fosse realizado o mais à frente possível.⁶⁴ Mas, a partir de certo nível de comando, certamente de corpo de exército para cima, a adequada coordenação das ações ficava impossibilitada fora dos quartéis-generais, uma vez que dependia essencialmente de ligações fixas, por telefone.

Convém igualmente relativizar o suposto desprezo dos generais pela vida dos

soldados — vejam-se as preocupações de Pétain. Importa lembrar que se vivia sob o regime de mobilização geral; dos ataques planejados e conduzidos por generais “insensíveis”, participavam também seus filhos, parentes e amigos. Foch perdeu o filho e o genro em combate, Castelnau e Von Kluck, os filhos. Se essa perda atingiu três dos mais destacados generais da guerra, o que não dizer da multidão dos generais desconhecidos? A necessidade de atacar, certamente, contribuiu para essa “insensibilidade”.

É inteiramente improvável que toda uma geração de generais, que se envolveu na guerra, tenha sido incompetente, insensível ou carente de imaginação. Alguns certamente o foram, mas essa é a realidade de todas as guerras em todas as épocas. Generais, oficiais e a tropa simplesmente tiveram de defrontar-se com a desafiadora realidade dos versos do poeta espanhol Antonio Machado — *“caminante, no hay camino, se hace camino al andar”*.

O drama da guerra de trincheira demorou três anos para ser superado. O movimento e a manobra voltaram à guerra, a partir de março de 1918, em virtude da conjunção de três fatores: alteração da situação estratégica, constante aperfeiçoamento tático e inovação tecnológica.

O aperfeiçoamento tático deu-se logo a partir do início da guerra⁶⁵ e foi perseguido com igual tenacidade tanto pelos aliados quanto pelos alemães. Resultou principalmente da experiência das unidades submetidas à terrível realidade dos combates, consistindo-se, inicialmente, num processo de baixo para cima. No entanto só puderam concretizar-se efe-

tivamente devido à sua vertente de cima para baixo. Em ambos os lados, o comando foi hábil e pertinaz em acatar as boas ideias, das mais diversas origens, inclusive do inimigo, organizá-las adequadamente e transformá-las em doutrina, difundindo-as a todo o exército, de modo a evitar o efeito caótico da proliferação descoordenada de experiências, e estabelecendo eficientes estruturas de instrução (GOYA; LUPFER, 1981). Foi, no entanto, com Pétain de um lado e Ludendorff de outro, que este processo atingiu sua máxima eficiência.

Outra característica da inovação tática foi o seu desenvolvimento quase que paralelo em ambos os lados, já que qualquer aperfeiçoamento bem sucedido era rapidamente copiado pelo inimigo. Não houve, em geral, grandes disparidades táticas entre os contendores, particularmente entre alemães e franceses. Suas formas de emprego tático poderiam variar nos detalhes, mas os princípios eram os mesmos. Como exemplos do paralelismo na evolução doutrinária, podem-se citar: a defesa elástica em profundidade, desenvolvida pelos alemães e adotada pelos franceses, as diversas formas de emprego da aviação, o uso de gases, a barragem rolante de artilharia, o abandono das formações rígidas no ataque,⁶⁶ a evolução do armamento da infantaria⁶⁷ e a realização do fogo e movimento nas pequenas frações pela adoção dos grupos de combate (SHUNK, 2010; FRANÇA, 1918a) etc.

O impasse militar foi quebrado pela ofensiva alemã da primavera. Em dois grandes ataques, o dispositivo aliado foi empurrado para além de suas linhas en-

trincheiradas, e o combate voltou ao terreno aberto.

Costuma-se creditar esse relativo sucesso à eficiência dos batalhões de assalto alemães e suas táticas de infiltração. O sucesso, entretanto, foi temporário e insuficiente, porque o objetivo da ofensiva de romper as linhas aliadas não foi atingido. Limitar-lhe a dimensão, chamando-o de sucesso tático é escamotear o fato de que o verdadeiro sucesso tático foi da defesa e, logo em seguida, da contraofensiva, que eliminou qualquer ganho obtido e impôs a derrota. Na realidade, alardeia-se um fracasso, o que é, no mínimo, estranho.⁶⁸

Convém também salientar que o fato de se buscar a infiltração nas linhas inimigas não significa necessariamente que sempre se terá sucesso nisso, ou que isso seja sempre possível. Em 15 de julho de 1918, o 4º exército francês, tendo organizado sua defesa em profundidade, conforme as instruções de Pétain, conteve o ataque de três exércitos alemães em sua zona de defesa (GOYA; JOHN'S MILITARY HISTORY). Em um ataque anterior, em quatro de abril do mesmo ano, os alemães não utilizaram táticas de infiltração e atacaram em formações densas (DOUGHTY, 2005, p. 440).

Ademais, não se pode atribuir o retorno do movimento apenas às táticas de infiltração. O sucesso na batalha se deve à sinergia dos esforços de todos os níveis táticos e do nível operacional, não resulta apenas de ações táticas, muito menos de ações dos níveis inferiores da tática.⁶⁹

Ludendorff, com certeza, estava bem convencido dessa realidade. Suas instruções para a Ofensiva da Primavera, "O Ataque na

Guerra de Posição", enfatizam essencialmente essa sinergia, da qual os batalhões de assalto são apenas uma parte. Em vista disso, não se pode ter certeza de que a atuação dessas tropas, por si só, tenha sido preponderante para o retorno do movimento.

Há ainda que se considerar o efeito estratégico da defecção russa. Ao transferirem, para a frente ocidental, grande número de divisões antes empregadas contra a Rússia,⁷⁰ os alemães obtiveram a concentração de forças que lhes fora continuamente negada pela estratégia francesa de múltipla frente. O que então foi mais preponderante para o rompimento das trincheiras, as táticas de infiltração ou o peso da superioridade numérica? O relativo êxito da infiltração não teria sido proporcionado pela superioridade numérica, já que os alemães contaram em suas ações principais com uma superioridade de quatro e mesmo de cinco para um? Afinal, batalhões de assalto foram empregados em outras ofensivas antes, desde Verdun, e não conseguiram romper o cinturão de entrenchementos. Esta questão merece estudo mais aprofundado, mas, de qualquer modo, ela empalidece um pouco o tão propalado papel dos batalhões de assalto.

Por outro lado, as táticas de infiltração⁷¹ seguiram o mesmo processo de desenvolvimento paralelo.

Em 1915, valendo-se da experiência obtida nas ofensivas de abril do mesmo ano, o capitão André Laffargue escreveu o *Estudo sobre o Ataque no Período Atual da Guerra*.⁷² Neste opúsculo, ele se pergunta: "para realizar um assalto, o que é necessário?" E responde: "tropas de assalto, mas nem todas as tropas se prestam como tropas de assalto",

por carecerem de adestramento especial que desenvolvesse as habilidades e a agressividade necessárias. O estudo de Laffargue foi publicado pelo Comando francês e difundido ao exército (LUPFER, 1981).

De modo geral, ele defendia que o ataque fosse realizado por três linhas sucessivas, cada uma delas organizada em profundidade. A primeira linha deveria avançar o quanto pudesse. Diante dos centros de resistência ela seria detida, mas poderia avançar mais nos intervalos entre os principais centros de resistência, o que permitiria a identificação desses pontos mais vulneráveis. A segunda linha penetraria nestes intervalos, fixaria os flancos dos centros de resistência e os ultrapassaria. As unidades da segunda linha, organizadas de maneira mais flexível e dispersa do que as da primeira,⁷³ deveriam atacar as pequenas resistências ou, encontrando espaços vazios, deveriam lançar-se neles resolutamente e avançar sempre, sem intimidar-se com pontos de resistência ao seu lado. A terceira linha, as reservas, avançaria a seguir para terminar a redução dos centros de resistência e expandir a penetração. Laffargue advogava também a utilização de fuzis-metralhadores, morteiros e canhões leves em apoio às unidades, particularmente, as da segunda linha.

Os alemães capturaram uma cópia do trabalho de Laffargue em 1916. Impressionados com a combinação prática de surpresa, poder de fogo e manobra, as ideias de Laffargue tiveram imediato uso como manual tático para a infantaria alemã (LUPFER, 1981).⁷⁴

Os batalhões de assalto alemães possuíam elevado nível de adestramento no emprego das técnicas de infiltração por suas fra-

ções e grupos de combate, que atuavam de forma dispersa e independente. No entanto a própria especialização destes batalhões reduziu o seu número, devido à impossibilidade de generalizar tal tipo de adestramento. Das 192 divisões disponíveis para a ofensiva da primavera, apenas 56 eram designadas como divisões de ataque, por contarem com batalhões de assalto e terem um melhor adestramento para o ataque. As demais divisões, de segunda classe, eram designadas divisões de trincheira (LUPFER, 1981).

Em função disso, a doutrina alemã enfatizava que os batalhões de assalto e as demais unidades das divisões de ataque mantivessem a impulsão até o esgotamento de suas capacidades, se necessário (LUDENDORFF, 1918; LUPFER, 1981). Contrariamente, a doutrina francesa, por não depender de tal especialização, podia prever a condução do ataque pelo esforço sucessivo de vários escalões (FRANÇA, 1917a), o que ajudava na preservação do poder de combate das unidades e permitia que as baixas se repartissem mais equilibradamente. Essa dependência alemã foi crucial, pois, quando a contraofensiva aliada foi lançada em julho de 1918, as melhores divisões alemãs e suas tropas mais aptas para o combate encontravam-se muito rarefeitas pelo grande número de baixas, extremamente desgastadas ou inutilizadas (FASSBENDER) pelo enorme, mas inútil, esforço de tentar romper as linhas aliadas.

Os aliados, por sua vez, particularmente os franceses, que já tinham abandonado a prática do ataque profundo, no qual se exercia pressão na mesma direção de ataque por meio da constante renovação do esforço, aprenderam, na batalha do Somme,

que a nova tática de ofensivas limitadas, desencadeadas em sequência e em locais distintos, não atingia o objetivo de desestabilizar o inimigo, pois o espaço de tempo entre as ofensivas era suficiente para permitir que o inimigo reorganizasse suas forças e relocasse suas reservas (GOYA). Para que a nova tática fosse eficaz, era imprescindível reduzir ao máximo o tempo entre as ofensivas.

No esforço empreendido, a partir do segundo semestre de 1917, para reequipar e reorganizar o exército francês, Pétain passou a utilizar caminhões para o transporte das unidades de infantaria e de artilharia. Esta motorização permitiu a agilidade necessária no deslocamento das tropas, a rápida movimentação das reservas para conter a ofensiva inimiga, mas principalmente para que as ações da contraofensiva se realizassem ininterruptamente. Os alemães, dependentes do lento deslocamento de sua artilharia, não puderam se contrapor a elas adequadamente (GOYA; LUPFER, 1981).

Finalmente, o emprego em massa dos carros de combate na contraofensiva foi fator decisivo para o sucesso aliado. A importância e o papel dos carros estão bem claros nas Instruções de Pétain (FRANÇA, 1918b). Os alemães, que não acreditaram no potencial dos carros, influenciados pelo medíocre desempenho deles em 1916 e 1917, não tinham capacidade similar. Significativamente, não há menção a carros de combate nas instruções de Ludendorff.⁷³

O efeito dos carros de combate sobre as tropas alemãs repercutiu tão intensamente na opinião pública alemã, que a questão foi levada ao parlamento (Reichtag) em 18 de outubro de 1918. O ministro da Guerra

teve de responder a duras questões que lhe foram dirigidas e severas críticas foram endereçadas ao Alto-Comando por não ter percebido a importância dos carros. O general von Wrisberg, falando em nome do ministro, reconheceu que, no ataque de oitooooo de agosto, a vitória aliada deveu-se ao emprego em massa dos carros. Ele acrescentou que a tropa possuía meios para fazer face aos carros, mas que “a defesa contra carros é mais uma questão de nervos do que material”. Outro general, Scheush, afirmou que a superioridade presente do inimigo deve-se principalmente ao seu emprego de carros de combate. (DUTIL, 1919, p. 251-254).

Na realidade, as unidades de infantaria apoiadas maciçamente por carros de combate foram um meio de infiltração e de ataque muito mais eficaz do que as tropas de assalto alemãs. No entanto, os que acreditam no mito da superioridade bélica dos alemães preferem exaltar estas últimas.

Não é incomum a opinião de que os Estados Unidos, ao entrarem na guerra, salvaram a França, do mesmo modo que a salvaram em 1944. De modo algum se deve negar a importância da atuação norte-americana nos últimos cinquenta dias da guerra; mas deve-se, sim, dar-lhe a devida dimensão.

Na realidade, o que salvou a França foi a cegueira estratégica da Alemanha, que rompeu a aliança com a Rússia e inviabilizou a com a Inglaterra. Foi também sua eficaz percepção estratégica, que rapidamente aproveitou-se disso e atraiu ambas para o seu lado. A Rússia salvou a França em agosto de 1914 e em 1916. A Inglaterra, aliada recalcitrante, mas fiel, também a salvou ao lutar, do primeiro ao último dia da guerra.

ombro a ombro com os franceses, elevando seus efetivos, em menos de dois anos, de cinquenta mil a cerca de um milhão de soldados. A França foi salva igualmente pelo bloqueio naval à Alemanha, que debilitou a economia alemã e permitiu à produção industrial aliada, a partir do final de 1917, superar largamente a germânica. Salvou a França também a desastrosa decisão estratégica alemã de conduzir a guerra submarina “à outrance”, que trouxe os EUA à guerra.

Mas o que salvou principalmente a França foi o inaudito esforço de seu povo⁷⁶ e de seu exército, a elevada capacidade e determinação de suas lideranças política e militar (que lhe faltariam em 1940), sua eficiente conduta estratégica da guerra, sua habilidade em incorporar inovações táticas e técnicas à sua forma de luta, sua incrível capacidade de expandir sua produção industrial bélica, a maior entre todos os beligerantes,⁷⁷ e a solidez dos vínculos entre seu governo, seu povo e seu exército, instituições que exemplificam a tríade das tendências que Clausewitz afirmou caracterizarem a guerra.

A parcela de “salvação” a ser creditada aos EUA fica bastante diluída neste enorme esforço conjunto, que a própria França, majoritariamente, organizou e conduziu. Se não se considerar sua verdadeira dimensão, ela não passa de mais um mito.

Conclusão

A 1ª GM foi um dos eventos capitais do século XX e marcou-o fortemente. Suas principais consequências são bem conhecidas: a eliminação e o desmembramento dos Impérios alemão, austro-húngaro,

otomano e russo; o surgimento de novos atores internacionais em função desse desmembramento; a ascensão dos Estados Unidos como potência mundial; o estabelecimento de um sistema internacional de segurança coletiva, por meio da Liga das Nações; na esfera social, o estímulo à liberação feminina, devido ao extensivo trabalho das mulheres nas fábricas etc.

A 1ª GM lançou também as sementes da segunda, pela consequente e gigantesca crise econômica e financeira da Alemanha de Weimar na década de vinte e pelo sentimento de humilhação do povo alemão, que permitiram a Hitler assumir o poder em 1933. A revolução comunista de outubro de 1917 e a posterior criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas resultaram da guerra, portanto as raízes ideológicas da Guerra Fria nela se encontram. Durante a guerra, os ingleses concordaram em ceder um território na Palestina aos judeus,⁷⁸ fato que deu início, após a guerra, à intensa imigração judaica para a região, gênese do conflito árabe-israelense.

A Grande Guerra caracterizou-se por inúmeras inovações táticas e técnicas. Com exceção do porta-aviões, dos foguetes e da bomba atômica, a 2ª GM foi travada com os armamentos e meios desenvolvidos ou empregados inicialmente durante a primeira: carros de combate, submarinos, aviões, telefone, rádio, caminhões, morteiros, lança-chamas, fuzil-metralhador, granadas de mão etc. A experiência do comando único, arduamente obtida durante a guerra, com certeza serviu como exemplo para a excelência do comando aliado durante a 2ª GM.

Indiretamente, a guerra exerceu também grande influência no Exército Brasileiro. A Missão Francesa, contratada logo após o seu final, incrementou o profissionalismo e modernizou os meios de combate do nosso Exército, em conformidade com os últimos avanços táticos e técnicos obtidos nos campos de batalha europeus. O capitão José Pessoa, que lutara junto ao Exército francês, propugnou com êxito pela adoção dos carros de combate pelo EB. A Lei do Serviço

Militar Obrigatório, de 1908, finalmente entrou em vigor em 1916 devido à pressão da guerra, e o desenvolvimento, pelo Exército, das fábricas de armas, munições e explosivos, ganhou o necessário impulso para a sua concretização ao longo dos anos 1930.

Por tudo isso, a 1ª GM não deve ser esquecida em nossas escolas militares. O centenário do seu início pode servir de estímulo para estudos que revelem seus aspectos úteis para a atualidade. ☺

Referências

COHEN, Eliot A. **Comando supremo: soldados, estadistas e liderança em tempo de guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2004.

DOUGHTY, Robert A. **Pyrrhic Victory: French strategy and operations in the Great War**. Londres: Belknap Press of Harvard University Press, 2005.

DUTIL, Les Chars d'Assault: leur création et leur rôle pendant la guerre 1915-1918. Paris : Berger-Levrault, 1919. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5492336q.r=Les+Chars+de+combat.langPT>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

FASSBENDER, Michael. **Storm troops and infiltration tactics in the German Army in World War I**. Disponível em: <http://www.humanities360.com/index.php/storm-troops-and-infiltration-tactics-in-the-german-army-in-world-war-i-560/>. Acesso em: 11 mar. 2014.

FRANÇA. Armée. Grand quartier général. **Instruction sur les actions offensives de grandes unités dans la bataille**. Paris: Imprimerie Nationale, 1917. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65561749.r=Instruction+sur+les+actions+Defensives+de+Grandes+Unit%C3%A9s+dans+la+Bataille.langPT>. Acesso em: 11 mar. 2014.

_____. Armée. Grand quartier général. **Instruction sur les actions défensives de grandes unités dans la bataille**. Paris: Imprimerie Nationale, 1917. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65645676.r=Instruction+sur+les+actions+defensives+de+grandes+unites+dans+la+bataille.langPT>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

_____. Armée. Grand quartier général. **Instruction sur le combat offensif des petites unités**. Paris: Imprimerie Nationale, 1918. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6551906p.r=Instruction+sur+le+combat+offensive+des+petites+unites.langPT>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

_____. Armée. Grand quartier général. **Instruction sur l'Emploi des chars d'Assault**. Paris: Imprimerie Nationale, 1918. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6564557t.r=les+chars+de+combat.langPT>. Acesso em: 11 mar. 2014.

GOYA, Michel. **Le processus d'évolution tactique de l'armée française pendant la Grande Guerre**. [S.l., 20--]. Disponível em: <http://www.penseemiliterre.fr/le-processus-d-evolution-tactique-de-l-armee-francaise-pendant-la-grande-guerre_1012459.html>. Acesso em: 11 mar. 2014.

JOHN'S MILITARY HISTORY. **Stormtrooper tactics of World War I**. Disponível em: <<http://www.johnsmilitaryhistory.com/stormtrooper.html>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

KISSINGER, Henry. **A diplomacia das grandes potências**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1999.

LAFFARGUE, André. **The attack in trench warfare: impressions and reflections of a company commander**. Washington: United States Infantry Association, 1916. Disponível em: <<https://ia700309.us.archive.org/27/items/attackintrenchwa00laff/attackintrenchwa00laff.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

LA GRANDE guerre: 1918-2008. **Le Figaro**, nov. 2008. Edição especial.

LUPFER, Timothy T. **The dynamics of doctrine: the changes in german tactical doctrine during the First World War**. Fort Leavenworth: Combat Studies Institute, 1981. Disponível em: <<http://usacac.army.mil/cac2/cgsc/carl/download/csipubs/lupfer.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

LUDENDORFF, Erich von. **The attack in position warfare**. [1918]. Disponível em: <<http://cgsc.contentdm.oclc.org/cdm/ref/collection/p4013coll7/id/828>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

NEIBERG, Michael S. **Foch: Supreme Allied Commander in the Great War**. Washington: Brassey's, 2003.

SHUNK, Dave. Army capstone concept & the genesis of german world war one assault squad & infiltration tactics. **Small Wars Journal**, Stafford, Va., Aug. 2010. Disponível em: <<http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/army-capstone-concept-the-genesis-of-german-ww-itactics>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

TUCHMAN, Barbara Wertheim. **Canhões de agosto**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

¹ Grande Guerra era como a Primeira Guerra Mundial era chamada antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial.

² A Índia britânica incluía o Paquistão e Bangladesh e ambicionava controlar o Afeganistão.

³ Tratado de Resseguro, segundo o qual Alemanha e Rússia manteriam a neutralidade caso uma delas se envolvesse em guerra com um terceiro país. A neutralidade não se aplicava se a Alemanha atacasse a França ou se a Rússia atacasse a Áustria-Hungria.

⁴ Conforme Kissinger (1999, p. 181-182), "os líderes alemães, após Bismarck, combinaram truculência com hesitação, atirando seu país primeiro para o isolamento, em seguida para a guerra [...] atrás dos *slogans*, estava o vazio intelectual; a linguagem truculenta mascarava o vácuo interno; *slogans* imponentes ocultavam a timidez e a falta de qualquer senso de direção".

⁵ Este foi um dos maiores erros da política alemã pós-Bismarck, pois, ainda segundo Kissinger, "uma vez a Alemanha comprometida ao lado da Áustria, a França e a Rússia passaram, de fato, a precisar uma da

outra, (...) pois nenhuma alcançaria seus objetivos estratégicos sem, primeiramente, derrotar ou enfraquecer a Alemanha”.

⁶ Sob o ponto de vista britânico, em uma *entente*, a Inglaterra cooperaria com o seu parceiro quando julgasse conveniente cooperar (KISSINGER, 1999, p. 194).

⁷ Nada ameaçava mais a Inglaterra do que a tentativa de disputar-lhe o domínio dos mares, principalmente por um país que já possuía o exército mais poderoso da Europa. E foi o que a Alemanha fez ao decidir-se pela construção de uma grande marinha de guerra oceânica.

⁸ “Isso se passou sem nenhuma conversa política séria entre São Petersburgo e Berlim acerca da essência da crise, e na ausência de qualquer disputa real entre a Alemanha e a Rússia” (KISSINGER, 1999, p. 230).

⁹ Em 1915, invertendo suas opções político-diplomáticas, a Itália aderiu à aliança franco-russo-britânica e declarou guerra às potências centrais.

¹⁰ Citado em LA GRANDE Guerre, 1918-2008. Le Figaro, nov. 2008. Edição especial.

¹¹ Um soldado russo deveria ser transportado, em média, 1.100 Km, o quádruplo de um alemão, e a rede ferroviária russa era dez vezes menos densa do que a alemã (TUCHMAN, 1998, p. 68).

¹² Em termos de densidade de homens por metro de frente. O I exército alemão, de Von Kluck, o mais à direita do dispositivo alemão, contava com a maior densidade, 18.000 homens para cada 1.600 metros de frente (TUCHMAN, 1998, p. 293).

¹³ A Bélgica, como país independente e neutro, foi obra da política externa da Inglaterra, que não permitiria o controle do grande porto de Antuérpia por nenhuma potência continental.

¹⁴ O general Michel foi a seguir nomeado governador militar de Paris, função na qual se revelou realmente indeciso e inativo quando a guerra eclodiu. Foi substituído pelo general Gallieni, que teve papel de destaque nos eventos que se seguiram.

¹⁵ A partir de 1871, os planos de guerra franceses passaram a ser numerados. O plano XVII foi o décimo-sétimo plano elaborado desde aquele ano.

¹⁶ A despeito das inerentes dificuldades da mobilização russa, eles se comprometeram a empregar dois exércitos nessa ofensiva, mesmo com sua mobilização em andamento, o que foi devidamente cumprido.

¹⁷ A maior batalha da guerra em termos de efetivos empregados simultaneamente e número de baixas sofridas em determinado tempo de combate (TUCHMAN, p. 335).

¹⁸ Um corpo de exército francês possuía 120 canhões 75mm, enquanto um alemão dispunha de 108 canhões 77mm, 36 de 105mm e 16 de 150mm (DOUGHTY, 2005, p. 32)

¹⁹ Os primeiros a adotar sistema hidráulico de recuo e utilizar munição encartuchada.

²⁰ Obuseiros Krupp 419mm, conhecido como Grande Bertha, e Skoda 305mm.

²¹ Quatro, posteriormente cinco, divisões de infantaria e uma de cavalaria. Dos países beligerantes, a Inglaterra era o único que não possuía serviço militar obrigatório ao romper as hostilidades. O país só adotou a conscrição em janeiro de 1916.

Utilizou-se a sigla em inglês a fim de diferenciá-la da nossa FEB.

²² Barbara Tuchman, em seu excelente livro *Canhões de Agosto*, traça um perfil nada enaltecido de sir John French o comandante da BEF. Houve ocasião em que, a fim de acelerar a retirada, ele deu ordens para que os transportes jogassem fora toda a munição e equipamentos desnecessários e carregassem mais homens (TUCHMAN, 1998, p. 427). Quanto às tropas britânicas, elas combateram bem nas oportunidades que tiveram.

²³ Os exonerados foram enviados para a 12ª Região Militar, na retaguarda, cuja sede era a cidade de Limoges, o que gerou um neologismo na língua francesa, o verbo “*limoger*” — exonerar sumariamente, pôr em desgraça.

²⁴ Neste aspecto, a França encontrava-se em clara desvantagem em comparação com a Alemanha. Esta dispunha de maior poder demográfico, 68 milhões de pessoas contra 39 milhões, e um poder industrial

muito maior. Em 1913, a França produziu 41 milhões de toneladas de carvão, enquanto a Alemanha produziu 191 milhões. No mesmo ano, França produziu 5 milhões de toneladas de aço, ao passo que sua inimiga, 17 milhões de toneladas (DOUGHTY, 2005, p. 114).

²⁵ O efetivo de operários só se reaproximou do original em janeiro de 1917 e, mesmo assim, graças ao trabalho feminino e de trabalhadores recrutados nas colônias.

²⁶ Em dezembro de 1914, estimava-se em 2 mil a necessidade diária de munição de artilharia pesada, enquanto a produção não passou de 300. Avalia-se o esforço de mobilização da indústria francesa por estes números relativos à produção diária de munição de 75mm: outubro de 1914, 13.600; novembro 1914, 22.000; janeiro de 1915, 42.000. Em agosto de 1916, a produção diária atingiu 210.000 granadas de todos os calibres, sendo 153.000 de 75, 80 e 90mm e 57.500 de artilharia pesada (DOUGHTY, 2005, p. 116-119).

²⁷ Embora as condições sociopolíticas que ditaram a estratégia fossem diferentes, é interessante observar que, em 1939, a estratégia eminentemente defensiva da França, que permitiu à Alemanha nazista concentrar todo seu poder para esmagar a sua aliada Polônia, condenou-a a sofrer sorte semelhante em seguida, como bem se sabe.

²⁸ Falkenhayn considerou necessário produzir e manter uma relação de baixas de 5/2 em favor dos alemães para atingir seu objetivo (Le Figaro – edição especial, *La Grande Guerre, 1918-2008*).

²⁹ Pétain introduziu o sistema de rodízio entre as divisões que combatiam em Verdun, a fim de poupá-las. Desse modo, mais de 80% das divisões francesas participaram da batalha.

³⁰ Baixas: Exército francês – Verdun: 377.231; Somme: 202.567; Exército inglês: 419.654 (DOUGHTY, 2005, p. 309). Os alemães também sofreram enormes baixas, o que os levou a desenvolver a tática da defesa em profundidade, que reduzia o número de forças nas primeiras linhas (LUPFER, 1981).

³¹ Para os franceses, a batalha de Verdun foi uma grande vitória, além de possuir o profundo valor simbólico de representar o espírito de luta e de sacrifício do soldado francês.

³² Foi a primeira ofensiva em que os carros de combate, tanto franceses como ingleses, participaram em número significativo, mas não o suficiente para produzirem resultados importantes.

³³ Censores militares, encarregados de ler a correspondência dos soldados, foram os primeiros a informar a queda no moral, expressada no desânimo e na descrença transmitidos a seus familiares e amigos (DOUGHTY, 2005, p. 363).

³⁴ Pétain, sensatamente, costumava dizer que “o fogo mata”.

³⁵ Em quatro de junho, havia apenas duas divisões confiáveis entre os alemães e Paris (LA GRANDE..., 2008). Os motins poderiam ter tido resultados muito sérios se os alemães tivessem abandonado a estratégia defensiva, que voltaram a empregar na frente ocidental em 1917. A Inglaterra, ao continuar o esforço ofensivo ao longo do ano, ajudou a acobertar os motins e cooperar com o reerguimento do exército francês.

³⁶ Esperava-se o desembarque de tropas norte-americanas, em grande número, a partir do início de 1918. Após fracassarem inicialmente ao serem empregados em combate, os carros já haviam sofrido aperfeiçoamentos mecânicos e na blindagem, sua técnica de emprego também havia sido aprimorada, e milhares deles estavam sendo produzidos tanto na França, quanto na Inglaterra.

³⁷ “Nem considerações pessoais, nem paixões políticas nos afastarão do nosso dever (...) basta de campanhas pacifistas, basta de intrigas alemãs. Nem traição, nem meia traição. Guerra, nada mais do que guerra” (Clemenceau, citado por Doughty, 2005, p. 402). Clemenceau visitava frequentemente as trincheiras, estimulava os soldados, conferenciava e exigia dos generais e assumiu com mão de ferro a condução política da guerra (COHEN, 2004).

³⁸ O limite entre suas atribuições não era claro, além de não haver relação de subordinação entre eles (DOUGHTY, 2005, p. 407).

³⁹ Entre os generais aliados de mais alto posto (França: Ferdinand Foch e Philippe Pétain; Inglaterra: sir Douglas Haig; EUA: John J. Pershing.), Foch era o único a acreditar que a ofensiva poderia ser retomada ainda em 1918. Os fatos confirmaram seu otimismo.

⁴⁰ A França já estava sofrendo os efeitos de sua fraqueza demográfica. Estudos indicavam que o efetivo de novas classes de conscritos a ser incorporado, entre outubro de 1917 e outubro de 1918, seria de 750.000 homens, ao passo que as necessidades elevavam-se a 1.078.000, o que significaria a necessidade de dissolução de mais de vinte divisões (DOUGHTY, 2005, p. 406).

⁴¹ Pétain aceitava perder terreno, baseado nos seguintes argumentos: o melhor meio de obter a vitória é economizar forças inicialmente; se colocarmos todo mundo nas primeiras linhas, perderemos todos; não é possível manobrar se todos defenderem na primeira linha; não temos suficiente infantaria para defender nas primeiras posições; é preciso manobrar e fazer o terreno trabalhar a nosso favor. Essas novas instruções, na realidade, assemelhavam-se muito com táticas alemãs (DOUGHTY, 2005, p. 426-427).

⁴² Haig dispunha de oito divisões em reserva (DOUGHTY, 2005), número proporcionalmente bem menor do que as 41 francesas, provável indicação de ênfase na defesa nas primeiras linhas.

⁴³ Von Hindenburg era o novo chefe do Estado-Maior; Ludendorff, apesar de ser o segundo na escala hierárquica, era quem realmente comandava o exército.

⁴⁴ Tecnicamente, os EUA era um país associado, não aliado; não estava comprometido, como os aliados, a não fazer a paz em separado.

⁴⁵ Clemenceau pensou inicialmente em nomear Pétain, mas este, ao opinar ao *Tigre* que “os alemães derrotarão os ingleses em terreno aberto e depois nos derrotarão”, chocou Clemenceau pelo extremo pessimismo. Clemenceau, por outro lado, inclinou-se para a indomável confiança de Foch. Indagado sobre seus planos, Foch respondeu: “Meu plano não é complicado. Lutarei sem parar. Lutarei diante de Amiens. Lutarei em Amiens. Lutarei atrás de Amiens. Lutarei todo o tempo e, de tanto bater, acabarei abalando o boche” (NEIBERG, 2003, p. 63). Clemenceau, após a guerra, comentou: “Eu preteri o homem plenamente racional que era Pétain, e escolhi este louco que era Foch. Foi o louco que nos tirou de lá” (LA GRANDE..., 2008).

⁴⁶ Esta fórmula para designar as funções de Foch foi a maneira encontrada para contornar a esperada recusa do Parlamento inglês de aceitar a subordinação do exército inglês a um comandante em chefe francês (DOUGHTY, 2005, p. 441). A situação de Foch era espinhosa, já que era instado a liderar sem, no entanto, ter autoridade formal para realmente comandar (NEIBERG, 2003, p. 70).

⁴⁷ Integrava o exército inglês, nesta região, um corpo de exército português, que foi severamente castigado neste ataque.

⁴⁸ O fato de essas duas ofensivas alemãs terem sido detidas em um esforço conjunto não reduziu os ressentimentos entre ingleses e franceses. Os ingleses receberam o peso maior das duas ofensivas e acusavam os franceses de não os terem auxiliado suficientemente; os franceses queixavam-se de que os ingleses recuavam muito facilmente. Muito provavelmente, ambos estavam errados. Os ingleses desconsideravam o fato de a frente francesa ter-se estendido 92km na medida em que suas reservas foram empregadas na contenção do primeiro ataque e que este acréscimo de frente equivalia a 2/3 de toda a frente inglesa em 30 Abr. Os franceses, por seu lado, desconsideravam o fato de os ingleses terem sofrido mais do que o dobro de suas baixas nos dois ataques (DOUGHTY, 2005, p. 444-445).

⁴⁹ Segundo Doughty, em maio, o efetivo norte-americano na França chegava a 430.000 (chegaria a cerca de um milhão no fim do ano), embora somente quatro divisões estivessem ocupando posições na linha de frente.

⁵⁰ Estas divisões inglesas, muito desgastadas durante os ataques anteriores, substituíram divisões francesas em uma frente supostamente calma, a fim de se reconstituírem (DOUGHTY, 2005, p. 450).

⁵¹ O comandante do 6º Exército, general Duchêne, se recusou a cumprir as instruções de Pétain com respeito à defesa em profundidade. Advertido por seu comandante de grupo de exército e pelo próprio Pétain, Duchêne não mudou de posição (DOUGHTY, 2005, p. 449). Após a batalha, Duchêne foi sumariamente exonerado do comando por Clemenceau devido às consequências de sua desobediência.

⁵² Pétain recomendou a Clemenceau retirar o governo de Paris, como ocorrera em 1914; em contraste, Foch se opôs firmemente, afirmando que “Paris não tem nada a ver com isso (...) é onde estamos agora que o inimigo tem que ser detido” (NEIBERG, 2003, p. 63). Foch descreveu assim sua confiança: “o vendaval

bate em todos os lados da casa, as telhas são arrancadas, as paredes se abalam, mas os alicerces aguentam e aguentarão. Isso é tudo o que importa” (DOUGHTY, 2005, p. 455). O governo permaneceu em Paris.

⁵³ No entanto, essa coordenação efetiva não eliminou inteiramente todas as dissensões entre Foch e os comandantes aliados, particularmente Pétain. Foch discordava da eficiência da defesa em profundidade, por achar que ela facilitava as táticas de infiltração do inimigo. Pétain, melhor tático, creditava o sucesso na contenção das ofensivas alemãs, com baixas relativamente pequenas, a esta forma de defesa, e recusou-se a modificar suas diretrizes táticas (DOUGHTY, 2005, p. 460).

⁵⁴ A respeito de sua situação nas vésperas do quinto ataque alemão, Pétain escreveu: “o mês de descanso que se seguiu à batalha de Matz [o quarto ataque] nos possibilitou treinar e descansar nossas reservas (...) materialmente, nossa superioridade tornou-se inegável; dispomos de suficiente artilharia e de munições; contamos com nossos carros de combate pesados e, especialmente, com nossos carros leves contra um inimigo que não dispõe de meios similares; nossa aviação, incontestavelmente, domina a inimiga” (DOUGHTY, 2005, p. 466).

⁵⁵ Apoiavam estes exércitos algumas divisões norte-americanas, inglesas e italianas.

⁵⁶ O 1º exército dos EUA ocupou uma frente entre os dois grupos de exército franceses empenhados na contraofensiva e o grupo de exército francês que ocupava a longa, mas relativamente calma, frente que se estendia até a Suíça.

⁵⁷ O 1º exército norte-americano esteve inicialmente subordinado a Pétain. Somente por meio do seu desmembramento com a criação do 2º exército, em 13 de outubro, Pershing foi alçado ao nível de Pétain e de Haig.

⁵⁸ A derrota búlgara provocou grandes dificuldades às potências centrais. Isolou-as do petróleo romeno e interrompeu a ligação com o Império Otomano. Além disso, constantemente pressionada na frente ocidental, a Alemanha não estava em condições de apoiar a Áustria, ameaçada seriamente na frente italiana, em caso de ofensiva aliada a partir dos Bálcãs a cavaleiro do Danúbio (DOUGHTY, 2005, p. 491).

⁵⁹ Para os franceses era inadmissível um armistício enquanto grande parte de seu território estivesse ocupada pelo inimigo.

⁶⁰ Foch criticou a velocidade do avanço das tropas francesas, mas Pétain, fiel à sua doutrina tática, continuou com seus avanços metódicos e cuidadosamente preparados (DOUGHTY, 2005, p. 498).

⁶¹ O ataque norte-americano paralisou-se no terceiro dia. Embora a capacidade de combate do soldado dos EUA tenha sido reconhecida desde o início, a inexperiência de seus estados-maiores revelou-se quando planejaram e conduziram pela primeira vez uma operação de grande complexidade. Seu despreparo provocou, além da descoordenação entre suas unidades, um enorme engarrafamento nas estradas em sua zona de ação, que impediu, durante muitos dias, o abastecimento e a movimentação de tropas, além de interromperem a ofensiva, que só foi retomada após a reestruturação das forças dos EUA em meados de outubro (DOUGHTY, 2005, p. 493-495). O biógrafo de Pershing destacou que “se a guerra tivesse terminado em 31 de outubro e não onze dias depois, a reputação pós-guerra do general norte-americano teria ficado bastante diminuída” (COHEN, 2004, p. 103).

⁶² Não houve negociação, as condições foram impostas na primeira reunião por Foch, que já as tinha discutido com os governos aliados. As condições foram: evacuação, em 15 dias, sem destruir equipamentos civis e militares, da Bélgica, da França, incluindo Alsácia e Lorena, e de Luxemburgo; a criação de três cabeças de ponte aliadas sobre o rio Reno; entrega como garantia de 5.000 peças de artilharia, 30.000 metralhadoras, 5.000 locomotivas, 150.000 vagões ferroviários e 150 submarinos e ainda a continuidade do bloqueio naval até a conclusão do tratado de paz (NEIBERG, 2003, p. 81-83).

⁶³ São atribuídas a Foch as seguintes ideias proféticas publicadas em jornal durante as negociações: “Tendo chegado ao Reno, devemos lá permanecer (...) democracias como a nossa, nunca agressivas, necessitam de poderosa barreira física (...) os setenta milhões de alemães serão sempre uma ameaça para nós (...) o que nos salvou no começo da guerra? A Rússia. Bem, de que lado estará a Rússia no futuro? (...) da próxima vez, lembrem-se, os alemães não cometerão erros. Eles irromperão pelo norte da França e ocuparão os portos do Canal, como base de operações contra a Inglaterra”. Em outras ocasiões, Foch disse: “Um dia seremos convocados a depor diante de um tribunal. A França não compreenderá como a vitória de seus exércitos transformou-se

em fraqueza nacional”, e também “isso não é paz, é um armistício de vinte anos” (NEIBERG, 2003, p. 97-101).

⁶⁴ Dos treze comandantes de divisão franceses mortos nos primeiros quinze meses da Guerra, quatro morreram em combate e três foram feridos (DOUGHTY, 2005, p. 122).

⁶⁵ Um comandante de divisão francês escreveu, em 26 de agosto de 1914, após um ataque desastroso: “recomeçaremos, mas desta vez, mais prudentemente, mais lentamente. A lição foi boa (...) avançaremos por lanços, sob a proteção da artilharia e depois de fazer os reconhecimento necessários”. Joffre, por sua vez, comentou que foi vitorioso no Marne, em grande parte, “porque nossos exércitos, em setembro, não eram mais aqueles dos primeiros dias da guerra” (GOYA).

⁶⁶ Um oficial belga descreveu o modo como os alemães atacaram em agosto de 1914: “eles não tentavam espalhar-se, mas vinham, fileira após fileira, quase ombro a ombro, até que os derrubávamos...” (TUCHMAN, p. 201).

⁶⁷ Dotada apenas de pistolas, fuzis, baionetas e metralhadoras no começo da guerra, a infantaria, em ambos os lados, a partir de 1915/1916, passou a dispor também de: metralhadoras leves, fuzis-metralhadores, granadas de mão e de bocal, lança-chamas, morteiros e canhões leves.

⁶⁸ Guardadas as devidas proporções, é como enaltecer o sucesso de Napoleão, por ter chegado até Moscou em 1812, esquecendo-se de sua posterior e catastrófica retirada.

⁶⁹ Tratando-se de sucesso na guerra, acrescenta-se o caráter fundamental do nível estratégico.

⁷⁰ O número de divisões transferidas varia segundo os autores. Os dados apresentados por Doughty indicam que a inteligência francesa teria identificado 42 divisões. Conforme o John's Military History, seriam 58 e mais de 3.000 peças de artilharia. Ludendorff, preocupado em manter a ocupação dos territórios conquistados no Leste, transferiu apenas cerca da metade das divisões que atuavam contra a Rússia (John's Military History).

⁷¹ Esta designação é posterior aos fatos, nenhum dos lados designou essa tática como infiltração.

⁷² Publicado em 1916 na França, foi traduzido e publicado também em inglês, com o título *The Attack in Trench Warfare*. O fato de a censura militar ter autorizado a publicação, certamente indica que seu conteúdo já tinha vazado, o que corrobora a informação de sua captura pelo inimigo no mesmo ano.

⁷³ Laffargue, ainda sob a influência doutrinária do início da guerra, defendia que as unidades da primeira linha mantivessem o alinhamento e a formação densa.

⁷⁴ Os alemães já vinham testando técnicas e armas para impulsionar o ataque desde 1915, como o uso de granadas de mão por pequenos grupos de soldados empregados como ponta de lança, do lança-chamas para neutralizar trincheiras, da variedade do armamento à disposição dos grupos de combate etc. De modo geral, essas ações se restringiam ao nível tático das pequenas frações (JOHN'S MILITARY HISTORY; SHUNK, 2010).

⁷⁵ Os alemães produziram um pequeno número de carros e empregaram alguns carros ingleses capturados, mas com efeito desprezível na luta (LUPFER). Este foi talvez o único aspecto em que não houve paralelismo na inovação tática.

⁷⁶ A França mobilizou a maior percentagem da população e sofreu as maiores baixas. Entre mil cidadãos, a França mobilizou 168 e perdeu 34; a Alemanha, 154/30; a Inglaterra, 125/16 (DOUGHTY, 2005, p. 511).

⁷⁷ A França produziu 52.000 aviões, ao passo que Alemanha e Inglaterra produziram respectivamente 48.000 e 43.000. A França forneceu armas e munições a todos os aliados, inclusive aos EUA. Das armas utilizadas pelo exército norte-americano, a França forneceu 3.532 das 4.194 peças de artilharia, 227 dos 289 carros de combate e 4.874 dos 6.364 aviões (DOUGHTY, 2005, p. 505 e 511).

⁷⁸ Por meio da Declaração Balfour (ministro das Relações Exteriores britânico), posteriormente incorporada na Tratado Sèvres, que estabeleceu a paz com o Império Otomano.